

PRAÇA PR'ALEMÃO TER

O GERMINAR DE UMA PRAÇA VERDE NO MORRO DO ALEMÃO

Organização

Pablo Benetti

Solange Carvalho



prourb PROGRAMA DE
POS-GRADUAÇÃO
EM URBANISMO

FAU FACULDADE DE
ARQUITETURA
E URBANISMO

Instituto
RAÍZES em
MOVIMENTO

CEPEDOCA

PRAÇA PR'ALEMÃO TER

O GERMINAR DE UMA PRAÇA VERDE NO MORRO DO ALEMÃO



proureb PROGRAMA DE
POS-GRADUAÇÃO
EM URBANISMO

FAU FACULDADE DE
ARQUITETURA
E URBANISMO UFRJ



Instituto
RAÍZES em
MOVIMENTO

CEPEDOCA

Este livro não seria possível sem a ajuda dos 118 apoiadores abaixo. Graças a vocês nosso projeto se tornou realidade.

Adriana Sansão • Adriano Sampaio • Agostinho Kretan Grillo Guimarães • Alex Magalhães • Alexandre Guimaraes Marques de Oliveira • Ana Altberg • Ana Teresa Rolo • André Henrique dos Santos Francisco • Andréa de Lacerda Pessôa Borde • Andrea Queiroz Rego • Andres Passaro • Angela Orlando • Antonio Jose Pedral Sampaio Lins • Babi Targino • Bruno Coutinho • Caio Guaraná T. Cavalcanti • Cecilia Coronel • Claudia Mel • Claudia Mello • Claudio José Nolasco de Carvalho • Conrado Neves Ely • Daniel Guimarães • Daniela Engel Aduan • Edina de Oliveira Santos • Eliane Bessa • Elisabete Martelletti Grillo Pereira • Erick Santos de Mouros • Fabiana Santos Araújo • Fabio Peixoto • Fabrício de Souza Barbosa • Felipe Moura • Fernanda Petrus • Fernando Cesar Negrini Minto • Geraldo Mendes • Giordana Pacini • Grete Soares Pflueger • Gustavo Racca • Hans Rauschmayer • Henrique Lopes Da Silva Moreira • Henrique Silveira de Souza • Humberto Damilano • Humberto Kzure-Cerquera • Jacques Sillos • Janaina Matoso • Jaqueline Bendet • Jean Maciel Xavier • Jéssica Nilo • João Pedro Franco • Johanna Weglinski • Juliana Abreu • Julieta Nunes • Leila Leontina Couto Barcia • Leonardo Araujo de Carvalho • Luis Henrique Nunes • Louise Storni • Lucia Drummond • Luciana Andrade • Luis Renato Pequeno • Luísa Chaves • Luísa Pflueger • Lulu Mahoney • Marcela Marques Abla • Marcelo França • Maria Angela Dias • Maria Claudia Faro • Maria Cristina Nascentes Cabral • Maria de Fatima Gonçalves Setianto • Maria Gabriela Bessa • Maria Helena Torres • Maria Julia de Oliveira Santos • Maria Lucia Pecly • Maria Naíse de Oliveira Peixoto • Maria Rúbia Grillo • Maria Núbia Oliveria Lima Matioli • Marina França Paes • Marina Souza • Marinah Raposo Da Câmara Ribeiro • Mauro Guimarães • Mila H Lo Bianco • Monaliza de Souza • Naiara Yumiko • Nailton de Agostinho Maia • Natalia Helou Fazzioni • Niuxa Dias Drago • Núbia Monnerat Gremion Soares • Nuno Andre Vasconcelos Figueiredo Patricio • Patricia Cordeiro • Patricia Fendt • Paula Delecave Monteiro • Paula Menezes Salles de Miranda • Pedro Rolo Benetti • Pivetta Fatima • Priscila Telles • Reana Velicogna • Rebeca Waltenberg • Regilan Deusamar Barbosa Pereira • Renata Pereira Lobo e Silva • Ricardo Esteves • Rodrigo Codevila Palma • Rodrigo Cury Paraizo • Rodrigo Santos • Romulo Bertoya • Rosana Soares Zouain • Rosane Ourique • Rui Santos • Rute Imanishi Rodrigues • Sâmara Antero • Sérgio Eduardo dos Santos Porto • Susana Riveira • Suyá Quintslr • Telma Toledo • Thaís Araújo Santiago • Thais de Vasconcellos • Ubiratan de Souza • Vania Maria Godinho Carlos Louvisse • Violeta Vilas Boas • Wallacy Coelho • Wanda Vilhena Freire

PRAÇA PR'ALEMÃO TER

O GERMINAR DE UMA PRAÇA VERDE NO MORRO DO ALEMÃO



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM URBANISMO



Organização

Pablo Benetti
Solange Carvalho

2017

Copyright©2017

UFRJ-PROURB-FAU / Instituto Raízes em Movimento

Produção: Instituto Raízes em Movimento, CEPEDOCA – Centro de Pesquisa e Documentação do Complexo do Alemão e Disciplina Projetos de Urbanização Alternativa – FAU-UFRJ

Organizadores: Pablo Benetti e Solange Carvalho

Produção gráfica: Daniel Viana, Solange Carvalho e Isabela Couto Barcia

Diagramação: Daniel Viana, Marina Souza, Victor Ferreira, Bruna Garritano, Larissa Ling Gonçalves Setianto

Capa: Isabela Couto Barcia (ilustração) e Daniel Viana (layout e diagramação)

Imagens: pp. 14 – Erick Mouros; pp. 22, 36, 64, 68, 102 e 103 – Solange Carvalho; pp. 50 – Gabriela Peregrino Levy; pp. 53 – Isabela Couto; 56 e 57 – Higor Soares; pp. 67 – Maria Rúbia Grillo.

Revisão: Isabella Muniz de Vasconcellos

É permitida a reprodução desde que citada a fonte.

P912 Praça pr'alemão ter: o germinar de uma praça verde no Morro do Alemão/ organização Paulo Benetti e Solange Carvalho; [produção Instituto Raízes em Movimento. Centro de Pesquisa e Documentação do Complexo do Alemão (CEPEDOCA)]. Rio de Janeiro : UFRJ.PROURB, 2017.

104p.: il.; 16 cm.

Obra elaborada como resultado da disciplina Projetos de Urbanização Alternativa, da UFRJ, FAU.

ISBN: 978-85-88027-37-4

1. Planejamento urbano e regional. 2. Favelas- Rio de Janeiro. 3. Complexo do Alemão. I. Benetti, Pablo, org. II. Carvalho, Solange, org. III. Instituto Raízes em Movimento. Centro de Pesquisa e Documentação do Complexo do Alemão (CEPEDOCA), prod.

CDD. : 307.334



SUMÁRIO



1. PREFÁCIO – <i>Luis Carlos Toledo</i>	7
2. INTRODUÇÃO	12
3. COMO SURTIU A PRAÇA VERDE DO ALEMÃO	15
4. CONTEXTO DA ÁREA ESTUDADA - MORRO DO ALEMÃO	17
5. A DISCIPLINA PUA	23
5.1 – Diagnóstico	
5.2 – Objetivos	
5.3 – Greve: alteração dos rumos da disciplina	
6. O PROJETO PRAÇA VERDE	37
6.1 – Definição do Programa	
6.2 – O Processo Projetual	
7. O PROCESSO CONSTRUTIVO	51
7.1 – Materiais	
7.1.1 – Conceito	
7.1.2 – Processo (Disponibilidades/ Oportunidades)	
7.1.3 – Os Materiais Utilizados	
7.2 – Mutirão	
7.2.1 – Cronograma	
7.2.2 – Projeto vs. Realidade	
7.2.3 – Parceiros (Mutirão)	
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
9. ARTIGO: Pois, quereis a praça – <i>Instituto Raízes em Movimento</i>	69
10. ARTIGO: Costuras urbanas na Avenida Central do Morro do Alemão – <i>Pablo Benetti</i>	89

**Autores dos capítulos 3 a 8 - Ana de Amorim Freitas; Bruna Garritano Ferreira; Carolina Franco Neto Laino; Erick Santos de Mouros; Gabriela Peregrino Levy; Higor Soares de Souza; Isabela Couto Barcia; Johanna Weglinski; Larissa Ling Gonçalves Setianto; Maria Rúbia Martelletti Grillo Pereira; Marina Machado de Souza; Ricardo Kranen Pinheiro da Silva; Victor Ribeiro Ferreira.*



1. PREFÁCIO

Vida longa à PUA, ao Instituto Raízes em Movimento e a todo povo do Alemão!

Autor:

Luiz Carlos Toledo

Espera-se dos prefácios que comecem pelo começo, mas, desde já aviso ao Leitor: não procure o início desta estória neste livro. Se quiser encontra-lo fique atento aos movimentos de certas raízes, só encontradas no Alemão, na captura dos alunos e professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ.

Devidamente capturados o encontro do morro com o asfalto, melhor dizendo, do morro com a academia, tornou-se possível com a disciplina Projetos de Urbanização Alternativa, a PUA, pelos professores Solange Carvalho e Pablo Benetti. Esse é, de fato, o início da estória que vocês irão conhecer.

O feliz encontro marcou o início de uma saga que envolveu raízes, estudantes, professores e muitos moradores do Complexo do Alemão e permitiu resgatar a estória da Avenida Central, desde a implantação, morro acima, até ser desfigurada pelas obras do PAC.

Ao contar a estória desta parceria, o livro se integra à memória do Alemão, ao lado de outros registros, pacientemente recolhidos pelo CEPEDOCA e o Instituto Raízes em Movimento, sobre os sentimentos de pertencimento de moradores enraizados em seu território e de resistência à cegueira dos governantes, responsáveis pela falta de serviços e espaços públicos, de infraestrutura e de moradias dignas, fatores que estimulam o preconceito e a segregação espacial das favelas.

Agora que sabemos como tudo começou, é chegada a hora de tratar, com brevidade, dos três textos que compõem o livro, para que leitor, o quanto antes, comece a se divertir com as aventuras dos nossos estudantes e se comover com a camaradagem e respeito mútuo que surgiu entre os que participaram do mutirão.

O Relatório dos Estudantes

“...e no meio do caminho tinha uma viga”
(de autor desconhecido)

Logo nas primeiras páginas do relatório, o leitor poderá caminhar pela Avenida Central, evitando os buracos, obstáculos e edificações semidestruídas, cicatrizes deixadas pelo PAC, tendo como guia um texto detalhado e amplamente ilustrado, feito pelos alunos da PUA. Páginas férteis em surpresas, entre elas a descoberta de uma viga, restos de uma fundação que obrigou os futuros arquitetos a rever seus desenhos e constatar que: projeto é projeto e obra é obra e que a boa arquitetura é feita da integração desses dois momentos.

Outras surpresas aguardam o leitor, a maior delas, a organização do mutirão para construir a Praça Verde, evento que reuniu alunos e professores da PUA, a turma do Raízes e moradores das vizinhanças da Avenida Central e de outras partes do Alemão. O relatório descreve detalhadamente todas as fases do projeto, desde a familiarização com o território, através de idas ao campo e aulas teóricas e práticas, ministradas por professores

e pelo pessoal do Raízes em Movimento, até a feitura do diagnóstico da Avenida Central e o relato de todas as etapas do mutirão.

Usando de saudável sinceridade, os alunos revelam a falta de domínio dos processos construtivos e as dúvidas que tiveram ao selecionar os materiais, fruto de um ensino que bota em segundo plano a prática no canteiro de obras. Em contrapartida, contam como superaram esses obstáculos, usando de criatividade e buscando, não só nos professores, mas também nos moradores, os conhecimentos necessários para esclarecer suas dúvidas.

As costuras urbanas do professor

“...territórios de incerteza,
permeados por acordos não escritos.”
(Pablo Benetti)

O Professor Doutor Pablo Benetti revela, um texto seminal, de sensibilidade que beira a prosa poética, quando busca na Praça Verde, “o que se vê e o que não se enxerga” e prossegue “Ao

olhar para a praça vemos um objeto concluído, mas o que este objeto esconde ou não mostra? Quais os processos que concluíram na sua forma final e não estão evidentes e quais lógicas conflitos, interesses e desejos contraditórios que permearam sua construção”?

Prometi não cansar o Leitor com meus comentários, assim este é o último que farei sobre o Pablo e seu texto: Só mesmo um arquiteto que sabe unir prática à teoria percebe a importância da participação do “cliente” na feitura do programa arquitetônico! Poucas vezes encontrei num texto esta preocupação tão bem explicitada, mas, ainda mais raro, foi vê-la praticada pelos alunos da PUA, sob a orientação segura dos professores Pablo Benetti e Solange Carvalho.

Pois quereis a praça?

“Você praça, acho graça; você prédio, acho tédio.”
(Blogueiro Dafne Sampaio)

Como prefaciар um texto morrendo de inveja de não ter sido meu? Mesmo que eu fosse

aceito no Instituto Raízes em Movimento ou no CEPEDOCA, mesmo que eu morasse há duzentos anos no Alemão, será que eu teria a sabedoria para escrever:

“Isso permite desdobrar algumas ideias, como a crítica aos prédios como uma forma de pensar e esquadrihar o espaço urbano de modo a atender a aridez do mercado, da ausência dos afetos e sua substituição pelas cifras, da substituição do sentimento pelo cálculo; de negar o espaço público para as pessoas e aos seus desejos, sequestrados pela urgência do lucro e contidos nos espaços onde ele é gerado. Ou ainda, nos leva a refletir sobre o fetiche do concreto compartilhado por técnicos que pensam as políticas de urbanização das favelas e não conseguem propor outras formas de intervir nesses territórios que não seja através do cimento, em detrimento de áreas verdes ou soluções que atendam mais a sustentabilidade do meio ambiente”.



Fig.01: **Isidora**. Desenho de Luis Carlos Toledo/2015.

Sinceramente, acho que não, mas de tanto reler o texto, descobri uma estreita e inesperada conexão com os autores, nosso amor pela cidade, e dentre elas, Isidora e Zaira, descritas ao Kublain Kahn por Marco Polo, no livro *Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino.

Saibam que também as visitei, ainda que nos braços de Morfeu, e para nunca esquecer-las, tratei de desenhá-las e enviá-las a vocês, professores, estudantes e a meus amigos do Alemão.



Fig.02: **Zaira**. Desenho de Luis Carlos Toledo/2015.

2. INTRODUÇÃO

Esta publicação é o registro do trabalho conjunto de estudantes e professores da FAU/UFRJ junto com moradores e membros do Instituto Raízes em Movimento que se uniram em 2015 na construção da Praça Verde do Alemão em regime de mutirão.

Tudo começou quando percebemos conjuntamente que havia em curso um processo de apropriação privada de espaços livres na Av. Central e que a única forma de contrapor uma lógica diferente a esta passaria pela construção participativa de espaços que fossem suporte de atividades coletivas.

Surge daí a ideia da Praça, que, na realidade, é entendida por nós como uma ação tática de defesa do uso do território como instância coletiva de reunião, trabalho, lazer e construção de laços entre moradores e visitantes.

A garantia da permanência da mesma não depende de decreto nem de atos de força, mas da organização e ocupação dinâmica e permanente por parte dos coletivos que aqui militam e dos moradores envolvidos.

São três textos que relatam o processo: o relatório apresentado na íntegra nos capítulos 3 a 8, feito pelos estudantes da turma 2015-1 da Disciplina Projetos de Urbanização Alternativa FAP 636 (PUA), Ana de Amorim Freitas; Bruna Garritano Ferreira; Carolina Franco Neto Laino; Erick Santos de Mouros; Gabriela Peregrino Levy; Higor Soares de Souza; Isabela Couto Barcia; Johanna Weglinski; Larissa Ling Gonçalves Setianto; Maria Rúbia Martelletti Grillo Pereira; Marina Machado de Souza; Marinah Raposo da Câmara Ribeiro; Ricardo Kranen Pinheiro da Silva; Thiago Nunes de Alcântara; Victor Ribeiro Ferreira. Ainda fazem parte deste livro duas reflexões sobre a praça: uma do Instituto Raízes em Movimento e outra do prof. Pablo Benetti. A disciplina Projetos de Urbanização Alternativa FAP 636 (PUA) foi coordenada em 2015-1 pelos professores Pablo Benetti e Solange Carvalho, com o apoio do aluno de tutoria acadêmica de mestrado Rodrigo Codevila Palma.

Embora ricos em sua descrição, todos os textos estão aquém do processo real de construção feito com poucos recursos arrecadados pelos



alunos, usando materiais reciclados e de custo zero, com permanente definição do projeto em função do custo dos materiais e dos imprevistos encontrados no caminho.

Com muitos finais de semana em atividade, com muitas noites de virada e de cansaço evidente.

Neste sentido, alunos e professores viveram na prática os problemas que parte de nossa população enfrenta quando deve prover seu abrigo, tais como a falta de dinheiro e a improvisação nas soluções, adaptando-as ao material disponível.

Por outro lado, o trabalho conjunto com moradores resultou em um aprendizado ímpar para todos, pela troca de saberes entre alunos, professores e moradores. O processo não esteve isento de ensaio e de erro, redefinindo a cada momento os rumos da construção, o que nos permitiu sentir na “pele” como é difícil fazer um cronograma de obras e cumpri-lo em condições extremas.

Embora extremamente trabalhosa, diríamos que a parte mais fácil desta construção coube aos alunos, pois finda a Praça, caberá ao Instituto Raízes em Movimento a tarefa mais

difícil: defendê-la de ataques e intenções especulativas, não hoje nem amanhã, mas para sempre.

Nada teria sido possível sem o concurso de duas grandes partes envolvidas, o Instituto Raízes em Movimento, demandando a participação da universidade e os colegas da Disciplina PUA, dispostos a entender modestamente como se constrói o território em estes locais.

Ambos, certamente, saem ganhando. Alunos e professores na experiência, moradores e militantes do Alemão no convívio e na proximidade com uma universidade que há muito tempo não pode mais ser pensada como imune aos grandes problemas urbanos brasileiros.

Desejamos a todos boa leitura, com a secreta expectativa de que iniciativas como esta frutifiquem ao longo de nossa cidade e de nosso país.

Novembro de 2015

Instituto Raízes em Movimento, Estudantes e Professores da Turma 2015-1 da Disciplina Projetos de Urbanização Alternativa – (PUA) FAP 636-UFRJ.



3. COMO SURTIU A PRAÇA VERDE DO ALEMÃO



A proposta de prática e discussão projetuais na Avenida Central, no Complexo do Alemão, tem sua origem na disciplina de graduação Projeto de Urbanização Alternativa, ministrada dentro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – FAU/ UFRJ pelos professores Solange Carvalho e Pablo

Benetti, que está vinculada a projetos de Extensão Universitária da instituição. A disciplina visa familiarizar o estudante de arquitetura e urbanismo com projetos de urbanização alternativa, normalmente executados em áreas de moradia da população de baixa-renda, em moldes similares aos realizados pelos Programas Favela-Bairro e Morar Carioca da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, e PAC do Governo Federal.

Como forma de potencializar a relação entre a sociedade e a universidade, a disciplina contou com a parceria do Instituto Raízes em Movimento, instituição formada por jovens e universitários moradores do Complexo do Alemão ou envolvidos em trabalhos sociais na área, que tem como objetivo “promover o desenvolvimento humano, social e cultural do Complexo e demais comunidades por meio da participação de atores locais como protagonistas desses processos, tendo como foco o fortalecimento e ampliação do capital social dessas comunidades” (<http://www.raizesemmovimento.org.br>). Dessa forma, essa ponte funcionou como um importante facilita-



Fig.03: Aula na FAU com integrantes do Raízes em Movimento.
Foto: Rodrigo Codevila Palma /2015.

dor para estabelecer uma aproximação com os moradores e auxiliar na leitura do território.

O processo de familiarização com o território incluiu tanto aulas e debates acerca das dinâmicas sociais, econômicas, culturais como também, e, sobretudo, das dinâmicas espaciais das comunidades através de visitas de campo e reuniões com os moradores e os movimentos sociais ali presentes, nas quais são efetivadas as pesquisas de campo e onde se estabelece uma relação de troca entre os estudantes e a população local. Esse segundo fator, principalmente, é essencial para a formação dos alunos de graduação que, através de entrevistas, coletas de depoimentos, vivência com os moradores e registros, constroem uma percepção mais precisa de como funcionam as dinâmicas sociais da favela.

É interessante salientar a importância da criação desta disciplina dentro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, já que é papel da universidade conhecer e gerar reflexões acer-

ca das diversas formas de produção de espaço presentes na cidade, em especial, neste caso, o Rio de Janeiro. As favelas, especificamente, são formas de ocupação do espaço cujo conteúdo é importante para o entendimento da história da evolução urbana da cidade. É necessário, portanto, que sejam discutidas dentro da Universidade suas dinâmicas sociais, econômicas, culturais e espaciais, a fim de que os futuros profissionais da área compreendam a importância desses espaços para gerar novas formas de pensar a cidade.

Nesse contexto, o objetivo da disciplina era propor projetos para o entorno da Av. Central, no Morro do Alemão. Porém, devido à alteração do cenário dentro da universidade e da própria favela, fez-se necessário uma proposta de intervenção mais efetiva e que pudesse ser executada rapidamente. Assim, surge o projeto da Praça Verde da Av. Central construída por meio de mutirão junto com moradores, instituições locais e alunos da disciplina.

4. CONTEXTO DA ÁREA ESTUDADA - MORRO DO ALEMÃO



O bairro e complexo de favelas do Alemão se situa na zona norte do Rio de Janeiro, entre os bairros de Inhaúma, Bonsucesso, Olaria e Ramos. O início de sua ocupação ocorre já na década de 1920,

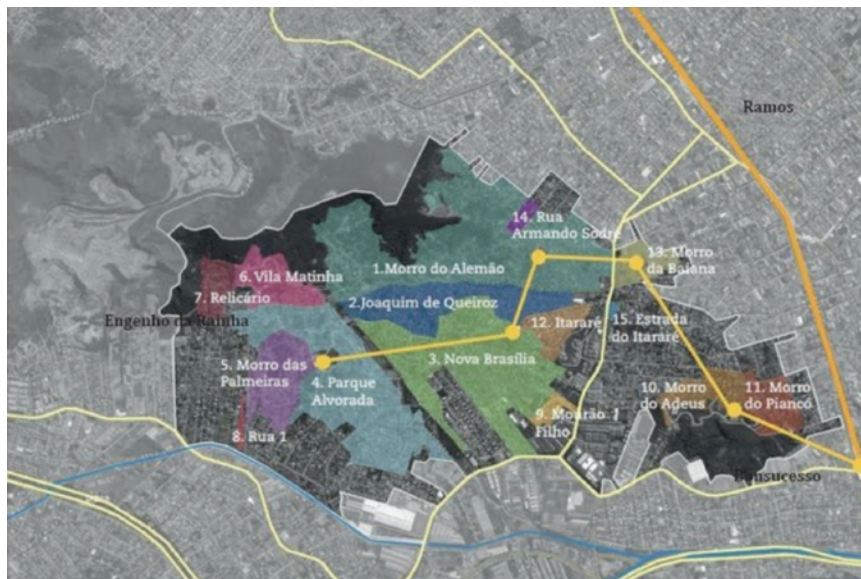


Fig. 04: Mapa do Complexo do Alemão

na área que depois passou a se chamar Morro do Alemão, através da comercialização informal de lotes. Assim, o Morro do Alemão é uma das ocupações mais antigas de todo o Complexo, fato que amplia consideravelmente o potencial simbólico da memória e da identificação de alguns moradores com os espaços, o que contribui para o sentimento do pertencimento ao lugar.

As favelas do Complexo, assim como todas as favelas do Rio de Janeiro, por muito tempo em sua história sofreram o quase total abandono por parte do Estado e a marginalização por boa parte da população carioca. A partir do final do século XX, entretanto, as discussões sobre a importância das favelas para o Rio de Janeiro e no Brasil começam a ganhar mais força, e a urbanização desses espaços começou, então, a entrar de forma mais definitiva dentro do planejamento urbano da cidade. Algumas medidas do governo federal foram marcantes nesse momento, dentre elas: a formulação do Estatuto da Cidade (2001) e a criação do Ministério das Cidades (2003), que trouxeram à tona a discussão sobre propostas de

melhorias urbanas pensando nas favelas como territórios de interesse social; e o Programa de Aceleração do Crescimento - PAC - (2007) e o Minha Casa Minha Vida (2009), que são programas que intencionavam, dentre outras coisas, trazer infraestrutura urbana e moradia para determinadas áreas, visando o crescimento econômico e o desenvolvimento. A prefeitura do Rio de Janeiro, por sua vez, também implantou programas de urbanização que geravam discussões acerca da relação “favela-asfalto”, em que se destacam o Favela-Bairro (1994-2007) e o programa Morar Carioca (2010). Todos esses programas públicos despertaram um processo gradual de discussão sobre os melhoramentos das cidades, e trouxeram à tona um outro olhar acerca da produção de espaço das favelas.

A Avenida Central, a principal via do Morro do Alemão, pode ser considerada um exemplo dos casos em que as obras de urbanização por parte do Estado apresentaram alguns aspectos negativos, tanto em relação ao produto (melhorias de infraestrutura urbana, saneamento,

instalação de equipamentos urbanos, desenvolvimento econômico e social) como também no que se refere ao processo (diálogo e participação dos moradores). As obras do PAC (2008) no Morro do Alemão, por exemplo, trouxeram para o cotidiano dos moradores diversas melhorias, dentre elas: o alargamento e pavimentação da Avenida Central, a principal via do Morro do Alemão, para duas pistas, facilitando o acesso de automóveis de maior porte (caminhões), a ampliação de infraestrutura, como luz e telefone, a abertura de uma praça com brinquedos para crianças, e a instalação da Estação de Teleférico do Alemão, que facilita o acesso para parte dos que moram na região mais alta no morro.

Entretanto, assim como em outros programas públicos, existem críticas no que diz respeito a sua implementação, que, segundo moradores locais, não contou com uma participação efetiva dos mesmos na concepção de projeto, e no acompanhamento das obras. Apesar de o projeto original de Trabalho Social do PAC colocar como suas frentes os projetos de Gestão de Impacto

(ações de comunicação na favela ao longo das obras que minimizariam seus impactos para os moradores) e de Desenvolvimento Sustentável (desenvolvimento do projeto em conjunto com as instituições locais, de forma participativa), essas frentes não foram realizadas na prática segundo as expectativas dos moradores e das organizações.

A ausência de diálogo, aparentemente, resultou na falta de concretização das reais prioridades dos moradores, evidenciadas no diagnóstico realizado pela disciplina, no mau planejamento dos espaços públicos e, conseqüentemente, na subutilização dos mesmos. Grande parte destes espaços está sendo usada como local de acúmulo de lixo, uma vez que os entulhos das casas demolidas para o alargamento da Av. Central não foram completamente retirados pelo poder público, desvalorizando espaços com potencial para fins de uso coletivo.

Além disso, outro aspecto negativo ressaltado no diagnóstico da disciplina diz respeito às remoções realizadas para as obras de alarga-

mento da Av. Central e implementação do teleférico, que, segundo os moradores entrevistados, foram feitas de forma arbitrária e com valores de indenização subdimensionados para as casas



Fig.05: Entulho de casa demolida não removida.
Foto: Solange Carvalho / 2015.



Fig.06: Espaço residual apropriado como depósito de lixo. Foto dos alunos /2015.

demolidas. As remoções geraram marcas que são vistas até hoje, como paredes internas que hoje se tornaram fachadas da rua. A falta de planejamento das casas removidas gerou resíduos sem projeto, resultando em espaços vazios e subutilizados que poderiam ser espaços públicos de qualidade para os moradores da área. Dessa forma, mesmo depois das obras do PAC, mantiveram-se as demandas por espaços propícios para o convívio social, saneamento, equipamentos públicos e serviços para a população do Morro do Alemão.



Fig.07: Espaço residual apropriado como estacionamento. Foto: Solange Carvalho / 2015.



5. A DISCIPLINA PUA



5.1. Diagnóstico

De forma a tentar apreender boa parte desses problemas e demandas para propor soluções projetuais, a turma da disciplina de Projeto

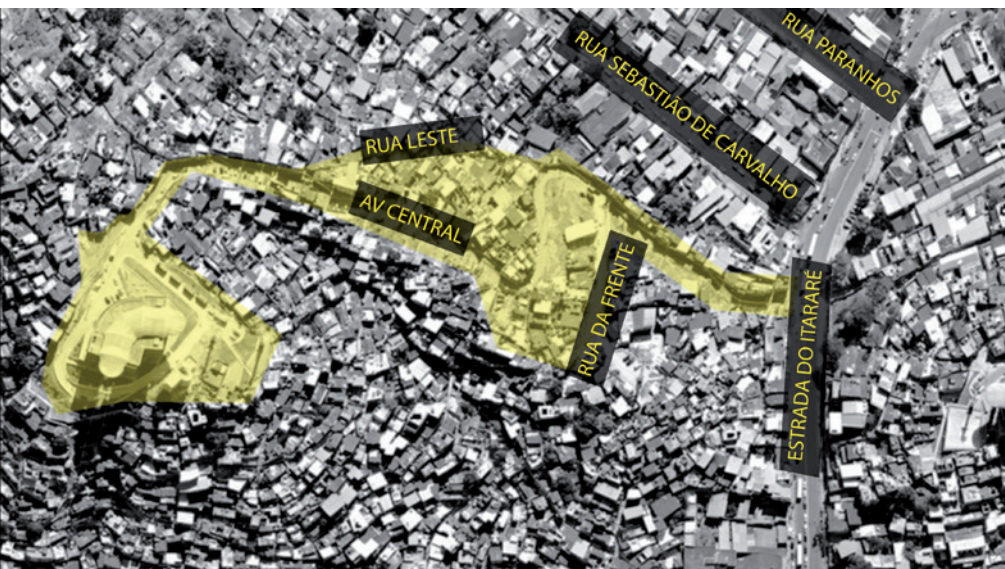


Fig.08: Destaque da área estudada na disciplina PUA. Imagem produzida pela turma para o Diagnóstico/2015.

de Urbanização Alternativa fez um diagnóstico amplo de toda a área do Complexo do Alemão. A partir disso, tentou-se sintetizar os problemas e as potencialidades da Avenida Central e seu entorno imediato para, então, poderem ser feitas propostas urbanísticas e arquitetônicas. Esse diagnóstico foi produzido a partir de:

(a) um levantamento de dados gerais sobre a comunidade, que consiste na busca de dados socioeconômicos (tanto em todo o Complexo do Alemão como na área proposta para a intervenção) e de um estudo sobre as relações espaciais da área com equipamentos públicos essenciais (escolas, hospitais, espaços culturais etc.-observar mapa das instituições na pág.11), ou seja, o funcionamento e proximidade ou não desses equipamentos com a Av. Central; e, principalmente,

(b) das visitas a campo, que possibilitaram aos estudantes o reconhecimento da área, a coleta de registros (fotos, desenhos, vídeos, entrevistas), a fim de entender e registrar os problemas e as demandas, e, sobretudo, o diálogo com os moradores e instituições representativas para a comunidade.



Fig.09: Instituições mapeadas nas proximidades da Av. Central, Morro do Alemão. Imagem produzida pela turma para o Diagnóstico/2015.

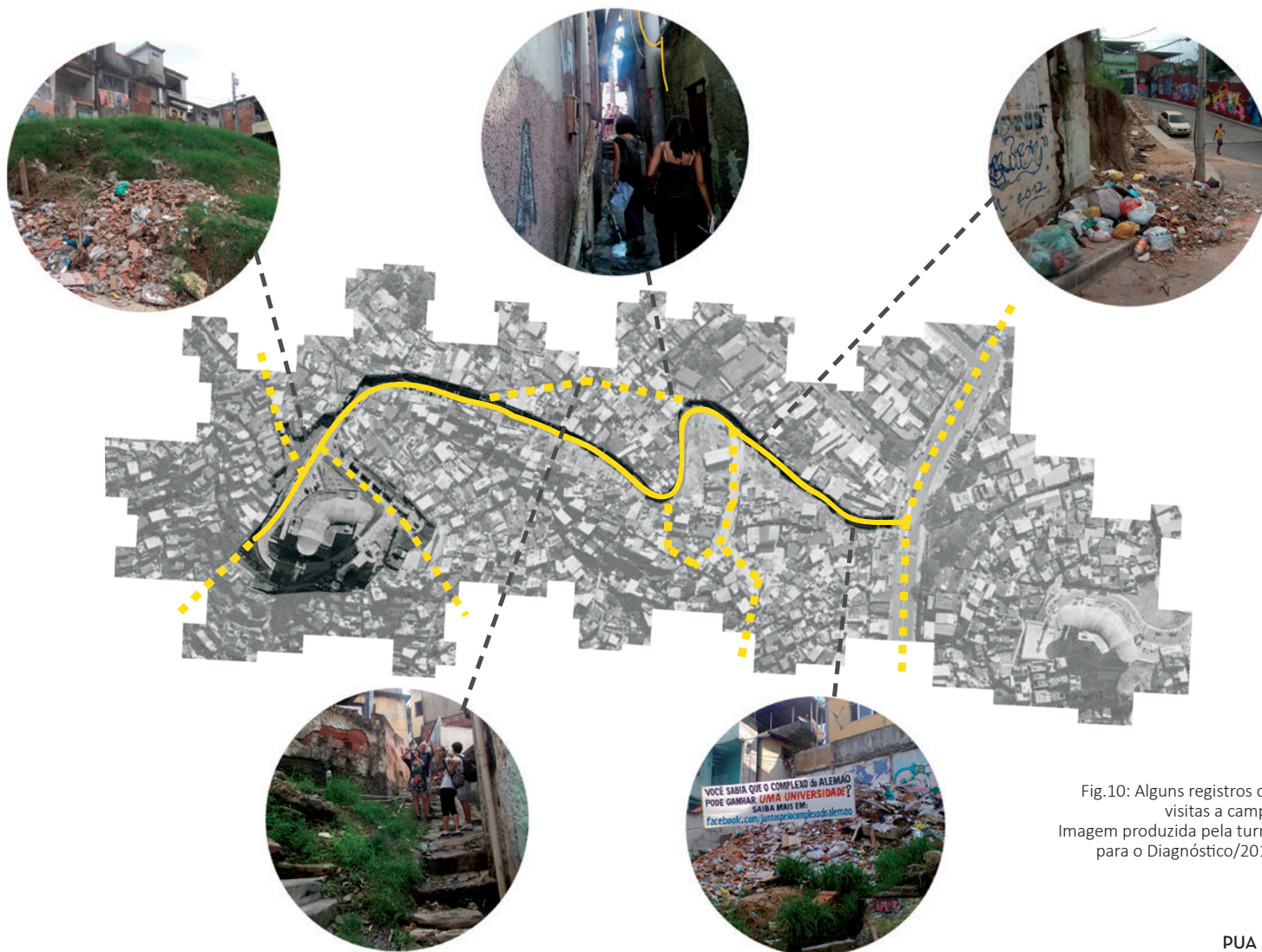


Fig.10: Alguns registros das visitas a campo. Imagem produzida pela turma para o Diagnóstico/2015.



Figs.11 e 12: Apresentação do diagnóstico realizado pela turma para os moradores do entorno da Av. Central.
Fotos: Rodrigo Codevila Palma/2015.

O levantamento de dados sobre a área e as visitas a campo trouxeram muitas informações que posteriormente foram complementadas a partir de conversa com moradores e representantes de algumas instituições do Complexo do Alemão, realizada no dia 28 de abril de 2015 na Estação de Teleférico do Alemão, quando foi apresentado o Diagnóstico.

Em resumo, a turma entendeu que as demandas mais urgentes a serem pensadas para o projeto de urbanização foram:

(i) a implementação de mais uma unidade de Educação Infantil no entorno imediato da área, pela identificação, através da conversa com os moradores e de índices do Instituto Pereira Passos e do IBGE, de demanda por mais unidades;

(ii) a implementação de agências, governamentais ou não, que sejam essenciais para o dia-a-dia (Poupa Tempo, agência de correios, caixas eletrônicos de bancos etc.);

(iii) reservar espaços para serem sedes de projetos culturais, percebendo que muitos projetos locais, que são imprescindíveis para o incentivo à cultura, precisam de uma área para manter suas atividades;



Fig.13: Vazamento de esgoto na Rua Leste. Necessidade de reforma. Foto dos alunos/2015.

(iv) pensar em espaços de lazer diversos, que possam atender às demandas de diversas faixas etárias - de crianças a idosos;

(v) a necessidade de pensar o saneamento urbano, por terem sido registrados diversos problemas nesse sentido (vazamentos, pouca vazão no sistema de drenagem etc) aspecto que não foi resolvido pelo PAC;

(vi) o planejamento de iluminação e arborização para toda a área de intervenção.

No diagnóstico, também foram apontados alguns espaços livres residuais na área estudada da Av. Central e seu entorno de grande potencial para projeto, seja pela sua dimensão, seja por sua inserção espacial, seja pelo fator da memória coletiva daquele espaço ao longo da história. Foram então levantadas algumas possibilidades para a elaboração de um anteprojeto para a área da Av. Central e entorno.

É importante ressaltar que, na dinâmica das construções na favela, um espaço livre sem projeto ou sem uso efetivo é rapidamente ocupado. Os processos de modificação do espaço são significativamente mais rápidos do que os vistos no “asfalto”, gerando espaços privados em detrimento dos espaços públicos através da

construção de edificações que afetam o tecido urbano. Dessa forma, os espaços públicos tendem a desaparecer e, por isso, torna-se fundamental a qualidade em praças e espaços públicos que possam ser utilizados pela população.

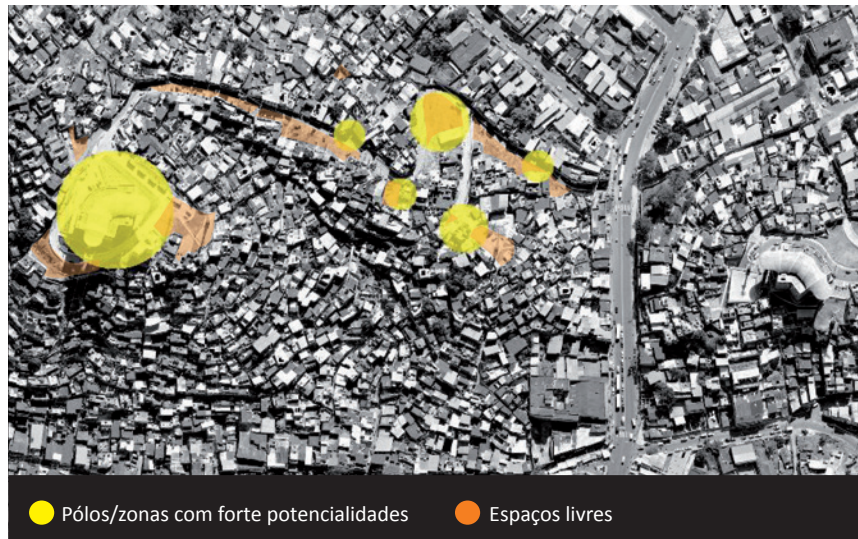


Fig.14: Mapa que identifica os espaços livres e os espaços potenciais. Imagem produzida pela turma para o Diagnóstico/2015.

A Avenida Central foi escolhida pela disciplina como área de intervenção de projeto a partir do entendimento dessa dinâmica de construção na favela e por apresentar, ao mesmo tempo, um grande número de espaços residuais resultantes das obras do PAC. No decorrer da disciplina, notou-se que parte destes espaços livres potenciais estavam sendo ocupados de diferentes formas, com ampliações de residências, construções de novas habitações, estacionamentos ou comércios, variando de acordo com a dimensão do espaço.

5. 2. Objetivos

A proposta da disciplina de Projeto de Urbanização Alternativa inicialmente era fazer um plano coeso de urbanização em toda a avenida e projetos, conectando seus pontos potenciais, propondo melhorias gerais na infraestrutura e equipamentos públicos necessários, a partir de um processo participativo tanto na identificação das demandas como na estruturação dos projetos.



Fig.15: Espaço residual na Av. Central.
Foto: Solange Carvalho/2015.



Fig.16: Esse mesmo espaço foi ocupado durante o período da disciplina no período 2015/1 .Foto: Solange Carvalho/2015.

Dentre as expectativas em relação às intervenções propostas, esperava-se gerar, através do trabalho coletivo na discussão, concepção e execução dos projetos entre a turma de Projeto de Urbanização Alternativa e os moradores do Morro do Alemão, mais incentivos para a população local ao uso e à tomada de consciência sobre importância dos espaços públicos. Com essa perspectiva também se relaciona a ideia de conceber espaços que possam ser utilizados para atividades educativas e de produção e valorização da cultura local, inclusive com a gestão dos próprios moradores e organizações do Morro. A melhoria da qualidade de vida por meio da construção de espaços públicos que sejam agradáveis e de interesse para os moradores também é um aspecto que cabe ser ressaltado.

Ao mesmo tempo em que estavam sendo pensados os problemas e as soluções urbanísticas para a área de intervenção, foi sugerido por representantes do Instituto Raízes em Movimento que os projetos fossem pensados de modo que pudessem ser executados pela turma conjuntamente com os moradores, através da prática do mutirão.

5.3. Greve: alteração dos rumos da disciplina

Com a deflagração das greves estudantil inicialmente e docente posteriormente e a consequente mudança de cenário, foi alterado também o objetivo e todo o processo da disciplina de Projeto de Urbanização Alternativa. Para definir a postura da turma perante a greve estudantil, foi feita uma reunião com os professores da disciplina, o Instituto Raízes em Movimento e o coletivo Verdejar (ONG com foco em Agroecologia Urbana, Gestão Ambiental Comunitária e Cultura, atuante desde 1997), ambas instituições locais que visam o desenvolvimento humano e social da área.

Nesta reunião ficou acordado que, dado o caráter de extensão da disciplina, uma vez que a mesma trabalha em paralelo com outras instituições locais e com os moradores do entorno, não era recomendável interromper as atividades, tendo em vista a expectativa gerada nos envolvidos. Dessa forma, optou-se por efetivar uma das propostas da disciplina por meio de

mutirão, respondendo a demanda emergencial dos moradores.

Dentre os espaços passíveis de intervenção, foi sugerido pelos integrantes do Instituto Raízes em Movimento o espaço localizado em frente a sua sede e à Creche Comunitária João Ferreira para que fosse realizado o mutirão, visto que já se notava uma apropriação do local por parte de ambas instituições. Inicialmente o projeto abarcaria o espaço localizado na frente da creche e do Instituto Raízes em Movimento e o outro lado da rua área que estava sob ameaça de ocupação pelas expansões privadas verificadas morro acima. Esta intervenção configuraria uma parada na Av. Central, oferecendo qualidades espaciais inexistentes ao longo do percurso de subida tais como sombra e lugar para descanso.

Esta área representava um dos espaços residuais gerados em função das demolições impostas pelas obras do PAC que tinham por objetivo o alargamento das vias e que, pela ausência de planejamento, resultaram em espaços vazios sem uso definido. O Instituto, porém, já apresentava tentativas de estruturação deste

espaço como praça, realizando eventos como o Rio-20 e, posteriormente, um mutirão para construção de mobiliários, hortas e plantio de mudas junto a moradores e outros grupos locais. No decorrer da disciplina, o caráter emergencial do mutirão foi evidenciado pela demarcação e início de construção de um comércio nesse espaço, o que fez com que fosse definido rapidamente um cronograma pelos alunos da disciplina junto ao Instituto. Neste sentido o rumo da disciplina foi alterado para atender a uma demanda conjuntural de defesa de um espaço coletivo potencialmente ameaçado pelo avanço de expansões privadas. Consolidar uma praça verde neste local era uma forma de responder a estas pressões. A concretização da nova praça serviria, para além de outras demandas a serem atendidas, para extensão das atividades do Raízes, o que fez com que se disponibilizassem a ajudar a mantê-la junto aos moradores do entorno imediato.

Não há aqui uma defesa do mutirão em substituição as atribuições dos poderes constituídos (federal, estadual e municipal) de edificação do território e sobretudo de manutenção

e preservação das instâncias coletivas da vida urbana. Pelo contrário, temos consciência de que este mutirão foi uma ação tática de resgate de uma área ameaçada e que a luta por qualidade urbana deve continuar.

Os estudantes da disciplina acreditam que a Universidade vem mantendo uma postura omissa frente aos problemas urbanos enfrentados em nossa cidade, reproduzindo o discurso hegemônico de produção das mesmas. Este, por sua vez, caracteriza-se pela reprodução do modelo arquitetônico voltado para o mercado, que reforça a especulação imobiliária e seus efeitos gentrificantes. Paralelamente, são produzidas áreas de baixa qualidade urbana, seja pela ausência de equipamentos públicos ou pelo não reconhecimento desses territórios, privando suas populações de exercerem seu pleno direito à cidade.

Viu-se na disciplina e na atuação em mutirão uma forma de questionar este discurso, provocando a comunidade acadêmica quanto à necessidade de se repensar as estruturas curriculares engessadas. Espera-se, então, ampliar

os espaços de discussão e debate, como forma de incentivar o posicionamento crítico do aluno; contestar o papel da universidade pública para com a sociedade, uma vez que a produção de conhecimento dentro da mesma se distancia do saber popular, reforçando os papéis pré definidos de arquiteto x cliente que desconsideram os mesmos como agentes transformadores do espaço;



Fig.17: Cartaz de divulgação do mutirão. Imagem produzida pela turma /2015.

reforçar o compromisso do tripé estruturante da universidade, sendo este o ensino, a pesquisa e a extensão, enxergando a extensão como ponte capaz de diminuir as distâncias entre a universidade e a sociedade e promover a reverberação do conhecimento existente em ambas as partes.

Segue a carta feita pelos alunos da disciplina ao comando local de greve para comunicar a continuidade das atividades e o cartaz de divulgação dos mutirões.

“Nós, estudantes da disciplina PUA – Projetos de Urbanização Alternativa, viemos, por meio desta, externar ao Comando Local de Greve nosso posicionamento diante do momento de luta contra a precarização do ensino público e da consequente Greve Estudantil deflagrada na UFRJ em Assembleia Geral no último dia 28 de maio. Em primeiro lugar, cabe ressaltar nossa adesão à Greve como fato disparador dos debates que culminaram no posicionamento tomado por nós, enquanto turma. Acreditamos

na luta pela educação pública, democrática, crítica, emancipatória, transdisciplinar, gratuita e de qualidade. Temos ressalvas quanto à condução do processo de luta e à construção das pautas reivindicatórias. E entendemos que, enquanto membros do corpo discente desta universidade, temos a responsabilidade de contribuir para seu fortalecimento, autonomia e democratização, agindo, pensando e organizando-nos movidos pelo senso crítico.

Desde a deflagração da greve, tivemos três momentos de intenso debate com participação de turma, professores, atores sociais e moradores do Morro do Alemão, local de atuação da disciplina no corrente semestre. Em discussão, os rumos do trabalho que vinha sendo desenvolvido junto à comunidade, o papel da universidade na luta por uma cidade equânime, o caráter de extensão adquirido pela disciplina no contato com uma realidade fortemente presente em nossa cidade, a busca pela

transdisciplinaridade do ensino como forma de democratização da academia e do conhecimento lato sensu, e a possibilidade de realização de atividades de greve pensadas a partir destes debates e do percurso traçado até então no decorrer deste período por nós da turma de PUA.

Considerando, para além das questões supracitadas, a demanda premente por propostas que corroborem para a efetivação do caráter público dos espaços residuais deixados pelas intervenções do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento); a ocupação emergente destas áreas, que se dá sob dinâmicas territoriais diferentes em relação à cidade formal; e a possibilidade real de intervir nestes espaços a partir da união, e proporcionando a consequente troca de saberes, entre a comunidade local e a comunidade acadêmica da FAU, de seu prédio e da UFRJ como um todo; em encontro realizado no Morro do Alemão no último dia 09 de junho deliberamos pela

continuidade das atividades desenvolvidas por nossa turma, independentemente, inclusive, da possibilidade de suspensão do calendário acadêmico por parte da UFRJ.

Desta forma, encaminhamos ao Comando Local de Greve o pedido para que seja reconhecido o caráter excepcional da disciplina PUA no contexto da Greve Estudantil. Encaminhamos ainda, as propostas relacionadas a seguir, que visam o fortalecimento da Greve no âmbito da UFRJ e de nossa luta a nível nacional.

1. Elaboração de material gráfico que esclareça as pautas reivindicatórias já definidas trazendo dados precisos sobre, principalmente, a situação atual do país (o ajuste fiscal, suas contradições e consequências), do ensino público, da UFRJ e da assistência estudantil, com fontes oficiais e de acesso público.

2. Construção de atividades de greve no Morro do Alemão nas próximas semanas

e paralelamente ao trabalho em desenvolvimento na disciplina, entre as quais: (a) mutirão de construção coletiva para intervir efetivamente nos espaços residuais da Avenida Central, principal via de circulação do Morro do Alemão; (b) oficina de desenho etnográfico.”

A implantação dessa praça tinha também por objetivo fazer com que as técnicas construtivas e materiais utilizados na mesma fossem apropriados e reproduzidos em outras localidades do Complexo do Alemão, consolidando e fomentando o debate sobre a importância de espaços públicos.



Fig. 18: Espaço da futura praça em 2013, quando estava apropriada como estacionamento.
Foto: Raízes em Movimento/2013.



Fig.19: Mutirão de construção durante workshop de intervenções urbanas Reviu, do Instituto Raízes em Movimento. Foto: Raízes em Movimento/2012.



6. O PROJETO PRAÇA VERDE



6.1. Definição do Programa

Para dar início ao projeto da Praça Verde e definição de um programa, foi realizada uma



Fig.20: Reunião para discutir os novos rumos da disciplina.
Foto: Rodrigo Codevila Kodá /2015.

reunião dos estudantes e professores com representantes das instituições locais Raízes em Movimento, Verdejar e moradores do entorno imediato.

Foram levantadas as principais demandas, entre elas:

- Um espaço de extensão para as atividades realizadas pelo Raízes, com um ambiente voltado para reunião e que comportasse aproximadamente 15 pessoas sentadas, com uma superfície em que pudessem ser feitas projeções e com uma área voltada para exposição, sejam de trabalhos produzidos pelo próprio Raízes em Movimento, pela comunidade de forma geral ou mesmo cartazes informativos;
- Um local que propiciasse o “encontro de memórias” entre moradores locais registrando a história oral em ciclos de depoimentos - rodas de conversa;
- Que fosse voltado para uso cotidiano de mães e crianças, por conta da proximidade da Creche João Ferreira. Assim, pensar em um

espaço que pudesse agregar atividades lúdicas para as crianças. Para as mães, pensar em uma área voltada para descanso, onde as mesmas pudessem esperar o horário de entrada e saída das crianças da creche; em condições de conforto inexistentes no local;

- Onde os materiais de construção possam ser preferencialmente encontrados no entorno e que sejam reutilizados, de forma a baratear o custo do projeto e garantir a viabilidade de futuras manutenções. Em paralelo, aos materiais de fácil acesso, trabalhar o processo construtivo junto com os moradores, para que estes possam se apropriar das técnicas utilizadas e replicá-las em outros espaços do complexo, ajudando a estruturar outros espaços públicos ou promovendo melhorias em suas próprias residências;

- Trabalhar com o plantio de mudas e com sombreamento verde, aproveitando a estrutura da cobertura para sustentar uma trepadeira. Além disso, trabalhar com o conceito de hortas urbanas, cultivando alimentos de pequeno porte, ervas medicinais e temperos usados pelos moradores do entorno, valorizando o conhecimento

dos mesmos e pensar em espaços capazes de agregar workshops para disseminar essas técnicas de plantio. Estudar a possibilidade de adicionar composteiras para fomentar o debate sobre resíduos alimentares /lixo orgânico;

- Por conta da intensa incidência solar, pensar em uma estrutura capaz de fornecer sombreamento tanto para a área de lazer quanto para as hortas . Entendendo a praça como um contraponto a inexistência de arborização urbana em todo o percurso da Av. Central desde a base do Morro até a Estação do Alemão;

- Consolidar um espaço de encontro, capaz de oferecer um local propício para descanso e diálogo, que estimule o convívio e a confraternização dos moradores da área.

A apreensão e o entendimento das demandas foram um importante momento no processo de projeto, de modo a fomentar o senso crítico e estruturar a criação de um programa coeso, visto que em quase todas as disciplinas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ estes programas nos são apresentados sem qualquer questionamento ou debate.

6.2. O Processo Projetual

O processo projetual foi estruturado em módulos teóricos e módulos práticos que foram distribuídos em atividades, tanto em sala de aula, quanto no próprio Complexo do Alemão. As atividades teóricas foram desenvolvidas com leituras de textos e análises de propostas metodológicas de projetos para urbanização de favelas de políticas habitacionais cariocas. Tinham como objetivo direcionar as decisões projetuais relacionadas às abordagens já realizadas em favelas no Rio de Janeiro.

Na etapa teórica, analisamos três propostas metodológicas do Concurso Favela Bairro - equipes 112, 111 e 103; e três propostas metodológicas do Concurso Morar Carioca - das equipes coordenadas pelos arquitetos João Calafate, Jacira Saavedra e Jonathas Magalhães.

Após a análise, concluímos que a maioria dos métodos estudados em ambos Concursos tinha como proposta o contato próximo aos moradores, tornando o processo mais participativo. Entendemos que as propostas de intervenção do

programa mais atual, o Morar Carioca, possuíam uma análise da cidade mais abrangente, com propostas de ligação da favela com a cidade de forma mais gradual, visando soluções de integração entre as duas.

As atividades práticas foram o desenvolvimento do projeto na área de intervenção e visitas às favelas. Para uma maior compreensão das intervenções públicas de urbanização de



Fig.21: Visita da turma de PUA, em 2015/1, na Babilônia.
Foto dos autores/2015.

favelas, fizemos uma visita à favela da Babilônia, localizada no bairro do Leme, na Zona Sul da cidade. A visita foi de extrema importância, pois observamos de perto as obras do Morar Carioca Verde, implementado na comunidade. Esses estudos serviram de base para a nossa atuação no Morro do Alemão.

A área de intervenção era um espaço residual de residências que foram removidas pelas



Fig.22: Área de intervenção do projeto Praça Verde. Foto dos alunos /2015.

obras do PAC e com três casas vizinhas próximas, cujas fachadas configuravam o espaço da praça. Entendemos que qualquer proposta de projeto deveria ser construída em conjunto com estes moradores vizinhos, pois eles seriam os mais impactados pela proximidade à praça, no que se refere a ruídos e privacidade, e deveriam ser escutados.

Além disso, analisamos alguns fatores que interferiram nas decisões projetuais, dentre eles:

- terreno inclinado;
- um poste de energia e iluminação pública com 40cm de diâmetro;
- muita fiação aérea que perpassava a diagonal do terreno;
- solo com muito entulho por conta da retirada da casa, o que dificultaria o plantio.

Com as primeiras análises do terreno e o levantamento, partimos para a elaboração de ideias e croquis. Como tínhamos um tempo curto para desenvolver o projeto, para acelerar o processo e para ter uma organização melhor de ideias, a turma foi dividida em 3 grupos. Cada um era responsável por propostas de projeto que, após discussões em sala, seriam mescladas

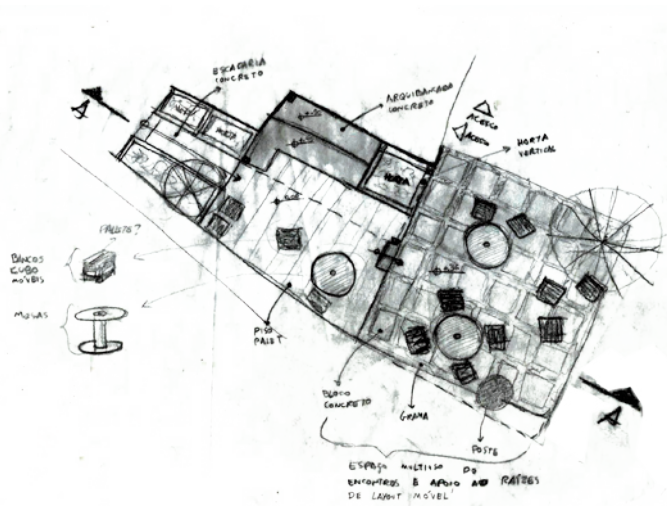


Fig.23 Planta - Proposta grupo 1

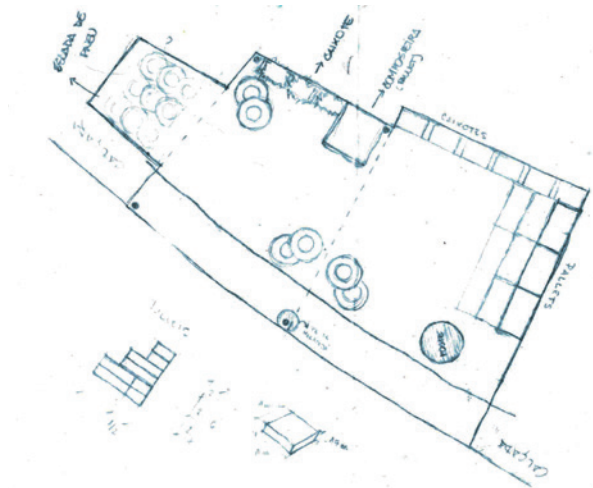


Fig.24 Planta - Proposta grupo 2



Fig.25 Corte - Proposta grupo 1

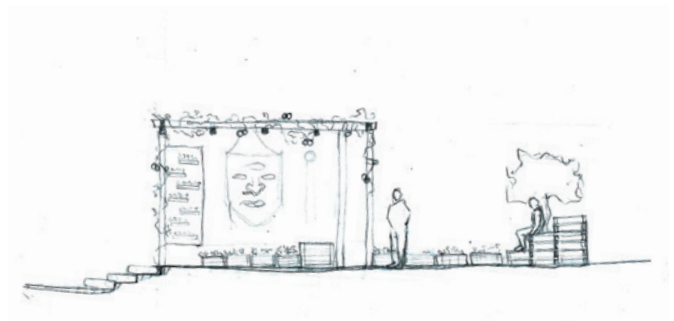


Fig.26 Corte - Proposta grupo 2

e resultariam no que seria, posteriormente, o projeto final. Tentamos atender a maior parte das demandas e cada grupo seguiu o mesmo programa projetual que havia sido já determinado.

Percebemos que os projetos dos grupos para a praça tinham pontos em comum, o que facilitou o consenso. Decidiu-se nivelar o terreno em 3 níveis, como sugerido pelo grupo 1, para

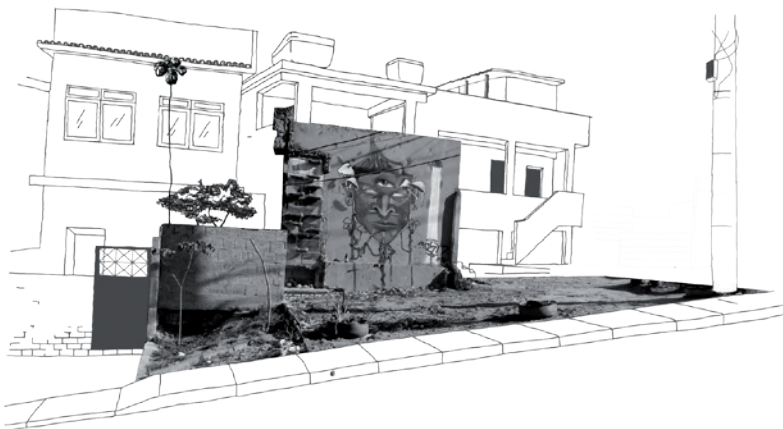


Fig.27: Solo impermeabilizado por proteção em concreto projetado. Obra do PAC na Av. Central. Foto: Rodrigo Codevila Palma/2015.

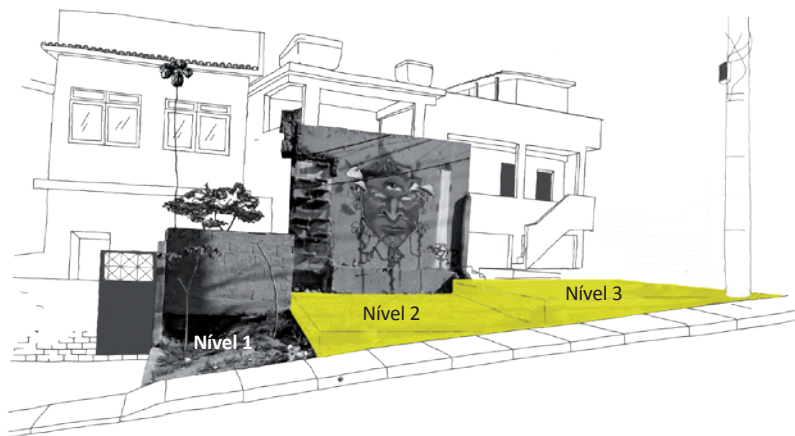
resolver a inclinação da praça. Queríamos que as áreas de estar não estivessem inclinadas e que não fosse removida muita terra no processo de construção. A inclinação do terreno, se fosse mantida, traria um desconforto ao usuário, por se tratar de uma área de estar. Além disso, o mobiliário deveria se adequar à inclinação, o que geraria maior dificuldade na sua execução. Cada um desses 3 níveis corresponderia a uma setorização diferente.

Optamos também por usar um piso permeável em todos os níveis para facilitar a absorção da água pluvial e para ser um contraponto às obras do PAC, cuja solução de concretar muitas das áreas residuais poderia ter sido substituída por contenções verdes, por exemplo, como no caso ao lado.

No nível 1, mais abaixo (-0,36m no projeto), uma área menor e banhada mais pelo sol da manhã, ficariam os canteiros com as hortas, e este foi mantido inclinado. Um dos motivos dessa setorização se deu pelo fato do morador da casa em frente, o Seu Benjamim, ter plantado árvores neste trecho, gostar de plantas e ter se interessado em cuidar da horta proposta, posteriormente.



Figs 28 e 29: Acima, a inclinação original da praça. Abaixo, os níveis propostos.
Imagens: Isabela Couto Barcia/ 2015.



O nível 2, intermediário (0,00m no projeto), que dava para um muro sem janelas da casa removida, seria a área de reunião e estar. Colocamos o mobiliário organizado como uma arquibancada estruturada em dois níveis, e encostada no muro, deixando mais área livre na praça. Dessa forma, se houvesse alguma reunião ou apresentação, quem estivesse falando teria mais espaço para movimentar-se e estaria num lugar de destaque. A arquibancada também funcionaria como um local de descanso para os moradores. Nesse nível também seria plantada uma árvore para gerar sombra e proteger a área de estar da insolação da tarde.

O nível 3, mais acima (+0,36m no projeto), outra área de estar, teria o mobiliário com mais níveis, pois queríamos que tivesse uma dupla função: ser um brinquedo para as crianças e um local para sentar. Colocamos esse mobiliário mais próximo à Av. Central. Ele é virado tanto para a praça como para a creche, podendo se transformar também num local agradável para as mães esperarem seus filhos na saída da creche. Nesse nível, colocamos uma estrutura sugerindo uma

cobertura, na qual plantas trepadeiras cresceriam amenizando a insolação também em parte do nível 2, e tornando o ambiente da praça mais fresco e agradável. Além disso, essa cobertura serviria como estrutura para pendurar materiais de exposição, horta vertical, rede e painel de projeção, podendo assim acontecer diversos eventos na praça, como shows musicais, peças teatrais, exposições e cinema ao ar livre.

Após a finalização da separação dos ambientes da praça por usos, iniciamos a etapa de pesquisa de materiais que se adequariam ao projeto e, ao mesmo tempo, que fossem de fácil acesso e de baixo custo. Decidimos que os mobiliários seriam feitos de pallets, pois seriam fáceis de empilhar para fazer os níveis, e acreditávamos que poderíamos consegui-los de graça. A decisão do material para o piso foi a mais demorada, pois precisávamos encontrar um material permeável e que fosse barato. Primeiramente, pensamos em usar blocos de pedra e grama, mas eles eram muito caros e a grama não sobreviveria no solo do terreno. Como solução, pensamos em usar corpos de prova, em virtude de esses formarem

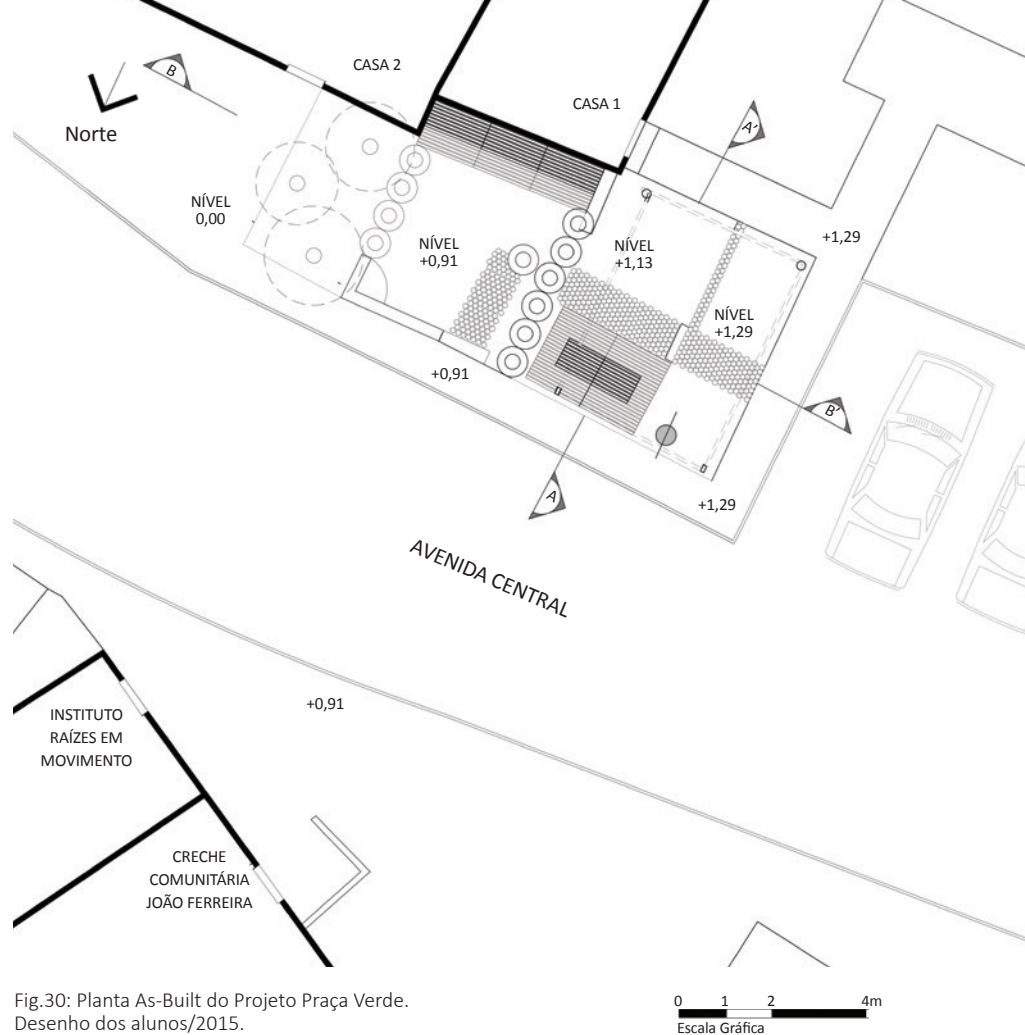


Fig.30: Planta As-Built do Projeto Praça Verde. Desenho dos alunos/2015.

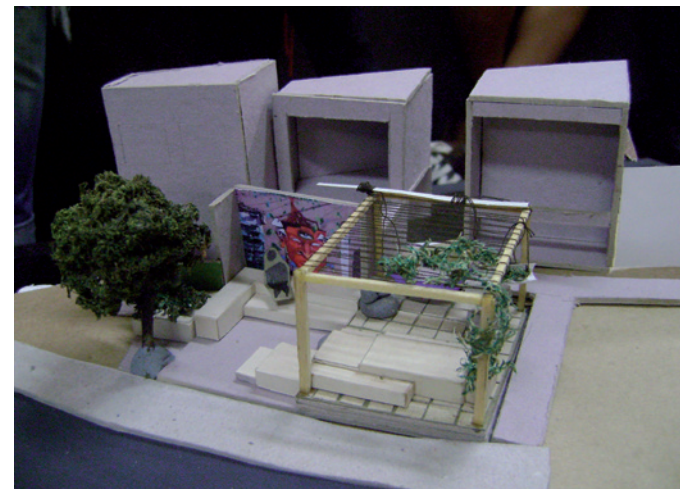
um piso permeável e de serem dejetos de obra. O corpo de prova é um cilindro de concreto, feito em concreteiras para medir a resistência do material. Depois da medição, não tem mais utilidade e é descartado. A solução foi dada após uma visita técnica a uma concreteira, exercício proposto pela disciplina Processos Construtivos 2, do professor Rafael Tavares. Conseguimos os corpos de prova em grande quantidade. A vegetação foi uma doação pelo coletivo Verdejar, que é uma organização sem fins lucrativos que atua na área do Complexo do Alemão e que tem como objetivo aproximar os moradores do plantio de ervas e vegetação, além de promover ações de educação e preservação ambiental. O material da estrutura foi o que demorou mais para ser definido. Fizemos o orçamento em madeira, mas o valor foi muito alto. Até o final da obra, tentamos buscar uma solução para outro material, como o concreto. Entretanto, devido ao tempo de execução e mão-de-obra, continuamos com a madeira.

Após as discussões sobre o projeto, realizamos uma apresentação para moradores. Com-



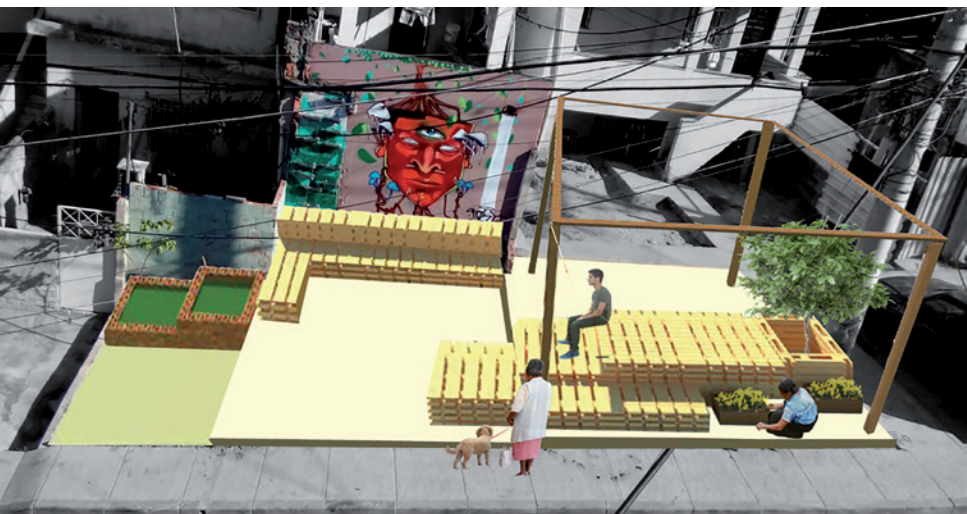
Fig.31: Apresentação do projeto para os moradores e o Instituto Raízes em Movimento. Foto: Maria Rubia Grillo/2015.

Fig.32: Maquete do Projeto Praça Verde. Foto dos alunos/2015.





Figs. 33 e 34: Perspectivas do Projeto Praça Verde, para divulgação e apresentação aos moradores. Imagens feitas pelos alunos/2015.



pareceram aqueles que mais sofreriam influência com a realização do projeto – os das casas coladas ao terreno, e a mãe de uma criança que estuda na creche. Essa etapa do projeto foi essencial para a finalização do mesmo, pois o projeto só estaria concluído depois das sugestões e críticas dos moradores. A apresentação foi feita através de uma maquete e de fotomontagens da praça, mostrando como seria o resultado final. A avaliação do projeto foi bastante positiva pelos moradores e as críticas dos mesmos foram discutidas. Tudo sendo explicado, não foi necessária nenhuma alteração no projeto apresentado. Nesse encontro, definimos também os dias do mutirão, os quais aconteceriam 05, 11, 12 e 18 de Julho.

A etapa seguinte à finalização do projeto foi o planejamento dos mutirões. Realizamos um cronograma que serviria de base para todos os dias de mutirão, com atividades programadas para cada dia. Porém, o projeto sofreu grandes alterações no decorrer das obras.

Ao final de todo o processo do mutirão, tivemos que redesenhar o projeto sobre o que estava construído, pois alguns detalhes foram



Fig.35: Foto da Av. Central. À esquerda, a Praça Verde. Em frente, o Instituto Raízes em Movimento e a Creche Comunitária João Ferreira. Foto: Solange Carvalho/2016.

alterados e definidos no canteiro de obras. Essa demanda resultou em um “As Built”, que é um desenho do que foi realmente construído após as modificações feitas no mutirão.

Como podemos observar, após comparações entre a proposta inicial e o “As Built”, muitas mudanças foram feitas durante o processo do mutirão. Logo no primeiro dia de mutirão, tivemos problemas de comunicação com um dos vizinhos com fachada para a praça, o Seu Benjamim. Esse contratempo acabou resultando em um afastamento desse morador no processo de construção da praça, o que gerou uma perda tanto para o projeto quanto para nós, estudantes de arquitetura. A área do nível 1, destinada a hortas, não foi realizada. O vizinho, ao final do mutirão, preparou os canteiros, replantou as árvores que havia retirado para a intervenção dos alunos, e concretou o restante da área, para evitar que a água das chuvas continuasse entrando em sua casa, o que passou a acontecer após as obras do PAC.

No nível 2, ao invés de plantar uma árvore com a copa grande/media, plantamos as 3

palmeiras que recebemos de uma doação, observando a posição em relação ao sol para gerar sombreamento.

No nível 3, a arrumação do mobiliário acabou não ficando igual ao projetado. O projeto se adequou à quantidade de material arrecadado e à quantidade de verba no momento. Por falta de pallets, o mobiliário não possui a quantidade de níveis desejada. Além disso, construímos um quinto nível no terreno. Percebemos no final que esse nível não precisava existir, mas acabou sendo construído por um erro na marcação do limite do nível 3 com o nível 2 e pela falta do projeto impresso na obra. A praça acabou não tendo um piso uniforme, mas caminhos feitos de corpos de prova. Planejávamos ocupar a praça inteira com esse material, mas descobrimos ser inviável, em virtude da quantidade que precisaríamos (cerca de 10mil), do tempo que levaria para colocá-los e do transporte.

As principais alterações do projeto inicial comparadas ao “As Built” foram em relação os desníveis da praça. As alterações se deram por conta de um imprevisto durante as escavações

e deslocamento de terra. Foram encontrados restos da casa removida (cintas e parte da laje de piso) para dar lugar ao alargamento da Av. Central. Por conta de tal fato, o nível onde estava prevista a estrutura sugerindo uma cobertura teria que partir da peça de fundação encontrada, pois esta não poderia ser retirada por ser uma estrutura pesada e de grande porte. Com isso, o nível da arquibancada de pallets foi elevado e foram construídas muretas para conter o solo.

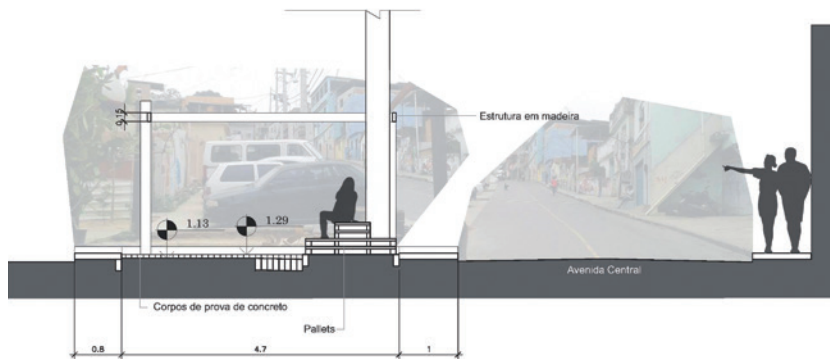


Fig.36: CORTE AA'. Desenho do As-Built.
Imagem feita pelos alunos/2015.

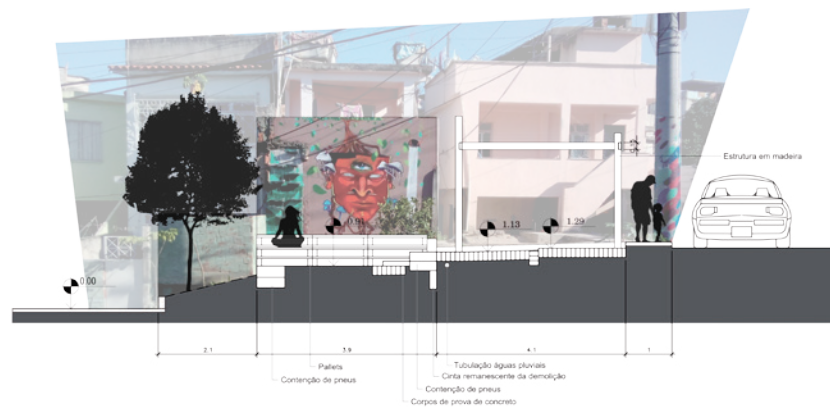
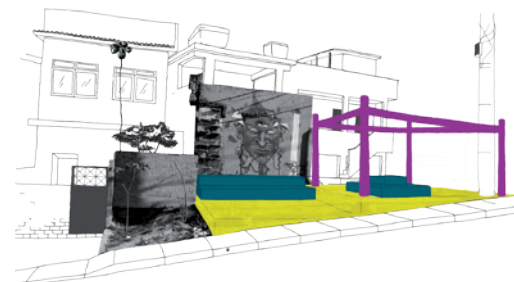
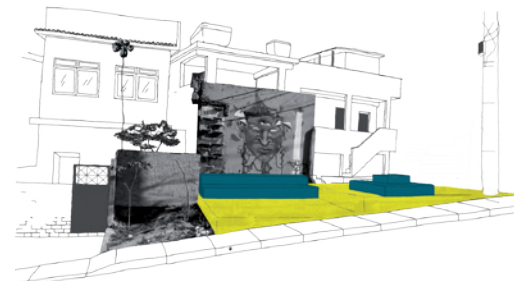
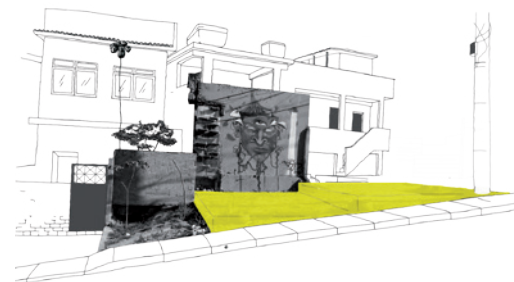


Fig.37: CORTE BB'. Desenho do As-Built.
Imagem feita pelos alunos/2015.

0 1 2 4m
Escala Gráfica





7. O PROCESSO CONSTRUTIVO



7.1. Materiais

7.1.1. Conceito

Os materiais a serem utilizados foram pensados paralelamente ao desenvolvimento do projeto da praça, isso porque o custo e a logística para obter os materiais iriam interferir diretamente na viabilidade do projeto. Optamos por materiais de baixo ou nenhum custo, que pudessem ser obtidos próximos do próprio Morro do Alemão ou da universidade, para facilitar o transporte e armazenamento.

Além disso, também consideramos importante que os materiais que viessem a ser utilizados fossem de fácil acesso aos moradores, sendo aplicados de maneira que o morador, apenas observando, conseguisse entender o processo e reproduzir a instalação em outros

espaços. Isso também facilitaria a manutenção da praça, visto que a partir da proposta de fácil entendimento os próprios moradores poderiam fazer ajustes.

Sabendo da necessidade de dinheiro para comprar alguns materiais, nos organizamos para fazer uma arrecadação. Os meios foram principalmente a venda de rifas, sorteando um caderno e uma cesta de doces, e a venda de comidas na faculdade, onde nos separamos em duplas em que cada dupla ficou responsável por vender em um respectivo dia da semana. Com a divulgação do trabalho, principalmente pelas redes sociais, através de imagens explicativas apresentando o projeto, também expressamos a importância da arrecadação para o andamento das atividades, com isso, algumas pessoas fizeram doações para a turma, tanto de dinheiro quanto de material.

7.1.2 - Processo (Disponibilidades/ Oportunidades)

Os primeiros passos foram buscando dentro da própria universidade parcerias que pudessem nos fornecer principalmente ferramentas para os períodos de mutirão. Conseguimos um ótimo material com o Abricó (Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ), LAMO 3D (Laboratório de Modelos e Fabricação Digital da FAU-UFRJ) e o Laboratório de Materiais coordenado pelo professor Marcos Silvosos. Ainda dentro da universidade, buscamos auxílio da PR5 - Pró-reitoria de Extensão, que nos ajudou disponibilizando transporte para os materiais diversas vezes, sendo de extrema importância para o andamento dos mutirões.

No contato com o Prof. Marcos Silvosos, do DTC (Departamento de Tecnologia da Construção), descobrimos a possibilidade da doação de alguns “corpos de prova”. Por isso, consideramos utilizar esse material para compor a paginação de piso da praça, já que conseguiríamos sem custo algum. Porém, a quantidade doada não seria suficiente, então tivemos que tentar conseguir mais deste material. Após uma visita técnica de

outra disciplina da FAU/UFRJ na concreiteira Polimix (Rua do Alho, Nº 1000, Penha), entramos em contato com a empresa e pedimos doação de corpos de prova na quantidade que precisávamos.

Durante a elaboração do projeto pneus e pallets foram dois materiais que julgamos essenciais para a composição da praça, tanto pela versatilidade de uso quanto pelo baixo custo e disponibilidade. Os pneus, usados para conter a terra, como degraus e ainda como vaso para plantas, foram doados por borracharias próximas ao Morro do Alemão. Eram pneus que seriam descartados por já estarem muito usados, mas sua utilização na construção da praça deu um novo destino a esse material.

A participação e colaboração dos moradores em relação aos materiais também deve ser destacada. No decorrer das atividades, precisamos algumas vezes recorrer a eles para empréstimo de ferramentas específicas, escadas, ou mesmo na doação das madeiras que vieram a ser utilizadas como pilares para estrutura que sugeria uma cobertura.

No mais, o que era item de consumo, como pregos, parafusos, porcas, arame, lixas, era comprado no próprio comércio local.



Obter os pallets deu muito trabalho, ao contrário do que esperávamos. Foram muitas idas a lojas pedindo doação, buscando alternativas, mas o processo era sempre muito burocrático. Com o passar do tempo, sem encontrar alternativas por meio de doações, optamos pela compra no Ceasa da maioria dos pallets. O tratamento de preparo dos pallets contou com a ajuda da artesã Rita Aranha.

7.1.3 - Os Materiais Utilizados

Os pilares foram doados, sendo dois deles antigos postes de energia elétrica. As vigas (em massanduba 12x6 cm) foram compradas no comércio local. Foi colocada também uma trama de arame para suporte da cobertura vegetal.

As muretas foram realizadas com corpos de prova, de concreto, pneus e tijolos pelos alunos e moradores, em especial o seu Sidney que contribuiu com seu conhecimento na execução da alvenaria.



Os corpos de prova foram o material da pavimentação permeável e da mureta. O material foi alternativa por ser dejeito e portanto, gratuito.

7.2 - Mutirão

7.2.1 - Cronograma

Após o término do projeto, observando a quantidade e diversidade das etapas a serem desenvolvidas ao longo dos mutirões, foi reafirmada a importância da criação de um cronograma. Com isso, o processo estaria sob controle, além de conseguir dimensionar os custos que cada um teria ao determinar as datas para cada tarefa e a data de finalização.

Portanto, a elaboração desse cronograma ficou como responsabilidade de um grupo de

alunos, que preferiu dividir em datas de mutirão (finais de semana para possibilitar uma maior participação dos moradores e interessados) e datas para obter os materiais (durante a semana por se tratar de estabelecimentos comerciais e para poder contar com o transporte da universidade). Para definir a quantidade de dias de mutirões necessários, foram consideradas algumas variáveis: as ferramentas a serem usadas mais o material que deveria estar disponível; o número de pessoas para se dedicar à atividade; o tempo gasto até a sua conclusão; e uma possível data sugerida pelos moradores para a inauguração da praça.

Esse processo teve início no dia (19/06), assim, partindo da data sugerida para inauguração da praça (18/07), consideramos todos os finais de semana anteriores como datas de mutirão e os dias úteis entre eles como disponíveis para buscar materiais. Cada tarefa teve seu tempo determinado e tudo pareceu estar alinhado para o término na data combinada. Porém, a dificuldade em se obter determinados materiais e a duração subestimada das atividades comprometeram o andamento, tendo a praça sido finalizada no dia 11 de outubro.

Fig. 38: Alunas discutindo projeto e readequando o cronograma de obras no campo, ao longo do mutirão. Foto: Maria Rúbia Grillo/2015.



Cronograma previsto: INÍCIO - 26 de junho / TÉRMINO- 18 de julho

DIAS				
1	2	3	4	5
26 de junho	5 de julho	11 de julho	12 de julho	18 de julho
ATIVIDADES Levantamento do terreno Espacialização (previsão de localização dos equipamentos no local) Busca por materiais (pneus, pallets) no entorno	Nivelamento Início da contenção entre níveis Execução das fundações Execução dos pilares	Piso Construção de Canteiros	Margem de segurança para finalização das atividades	Finalização e Inauguração da praça

Cronograma Real da Obra

NIVELAMENTO

05/07/2015



A primeira fase da obra foi o nivelamento do terreno conforme projeto, em 3 níveis.

OBSTRUÇÕES CINTA E CANO

11/07/2015



Durante o processo de movimentação de terra, foram encontradas a cinta da antiga casa ali demolida e tubulação que cruzava a área.

REAValiação DOS NÍVEIS

11/07/2015



A solução foi criar um nível intermediário para não descobrir a tubulação nem a cinta, já que era inviável sua retirada.

PAVIMENTAÇÃO

11/07 a 13/07/2015



A pavimentação foi feita com corpos-de-prova coletados na empresa Polimix e no Laboratório da FAU-UFRJ.

MOBILIÁRIO

18/07 a 08/08/2015



Os pallets foram lixados e posteriormente aplicou-se camadas de betume e verniz para aumentar a durabilidade, pois ficariam expostos à ação do tempo.

ESTRUTURA

18/07 a 13/09/2015



Após aplicação de betume na madeira, os pilares foram chumbados com concreto no solo. Arames foram amarrados nas vigas para darem suporte à vegetação, que com o tempo proporcionará sombra.

PLANTIO MUDAS

10/10/2015



As diversas mudas doadas foram plantadas em jardineiras de pneus e junto aos pilares de madeira, para subirem e no futuro formarem a cobertura verde que protegerá a praça do sol da tarde.

INAUGURAÇÃO

11/10/2015



No dia da inauguração, os últimos retoques com aplicação de brita completando o piso permeável da praça.

7.2.2 - Projeto vs. Realidade

Durante a semana, buscamos os materiais imprescindíveis para o primeiro

dia de mutirão (05/07), mas os pallets, que começariam a ser lixados já nesse dia não foram encontrados, e para o final de semana seguinte também não, o que começou a prejudicar os prazos do cronograma. Paralelamente a isso, era feito o nivelamento da área: começamos colocando estacas nas extremidades do terreno



Fig.39: Tubos de água encontrados durante os mutirões.
Foto: Maria Rúbia Grillo/2015.

e medindo, com mangueira de nível e água, as alturas de cada nível., Após a medição, foram esticados fios de nylon entre as estacas, para enfim movimentar a terra até que a área se encontrasse plana e em altura desejada. Porém, encontramos algumas dificuldades, como a existência de tubos de água passando por baixo do terreno, além de uma grande viga que pertencia à casa que existia no terreno e fora demolida. Esses percalços nos forçaram a reavaliar as decisões projetuais referentes à altura dos níveis e começar a tomar algumas decisões imediatas, visto que os problemas apareciam no meio de um dia de mutirão.

No andamento da semana, conseguimos bastante corpos de prova com a ajuda fundamental do avô do Ricardo, Harri Roberto Kranen, e da kombi da PR-5 para o transporte. Com isso, os níveis foram reajustados e praticamente finalizados. Refizemos o desenho da paginação de piso em função do material adquirido e começamos a fazer a instalação: para tanto, era necessário, primeiramente, cavar 30cm (altura referente ao corpo de prova) de toda extensão a ser pavimentada. A partir disso, os corpos de prova eram enfileirados e os espaços entre eles

eram preenchidos e compactados com areola. O trabalho tomou um tempo maior do que o esperado porque a forma do material tornava o processo demorado.

Ainda na procura pelos pallets, enfrentamos uma nova dificuldade: caso fosse necessário comprá-los, o dinheiro arrecadado não seria suficiente para comprar as madeiras para a cobertura. Nesse momento, voltamos ao projeto para avaliar outras possibilidades de materiais e maneiras de construir uma estrutura que sombreasse esse espaço da praça. Voltamos a dialogar com o prof. Silvosso para discutir opções referentes à estrutura, caso fosse feita com tubos de pvc e concreto armado. Infelizmente, em ambas as opções, a execução exigiria mão de obra especializada, além de levar mais tempo para ser concluída devido aos tempos de cura. Por outro lado, em conversas no local, moradores como, Jorge e os próprios parceiros do Raízes diziam preferir a estética da madeira. Em um dos dias de mutirão resolvemos parcialmente esse problema, com a ajuda do marceneiro e morador do Alemão Roberto. Conseguimos 4 pedaços de madeira para usar como pilar e ouvimos as sugestões dele para os encaixes das vigas, que



Fig.40: Corpos de prova na pavimentação.
Foto: Maria Rúbia Grillo/2015.

ainda haveriam de ser providenciadas. Paralelo a isso, foram feitas as muretas que seriam de tijolo com a ajuda do sempre presente Seu Sidney: essas muretas foram feitas com os tijolos deitados, de maneira que suportasse bem a pressão exercida pela terra. Após estruturadas, foram emassadas, com o cuidado de deixar alguns furos dos tijolos sem massa para permitir a passagem de água.

A essa altura do mutirão, o prazo inicial já havia sido superado e marcamos uma segunda data para a inauguração, que seria então no dia 09/08 (junto ao evento Honk Rio, festival de fanfarras que ocorreria na cidade e traria duas delas ao Morro neste dia). Até lá faltava terminar a estrutura, tratar e montar os mobiliários com os pallets, esses que, enfim, foram comprados no Ceasa, transportados e armazenados pelo Raízes em Movimento.



Fig.41: Mureta feita com pneus.
Foto: Maria Rúbia Grillo/2015.

Porém, com todas as alterações que vieram sendo feitas no projeto, os mobiliários também precisariam ser adequados. Por isso, considerando os pallets comprados e as novas dimensões dos níveis, foi feita uma readequação do desenho com medidas ajustadas. Ao início do trabalho com os pallets, contamos com a experiência da parceira Rita Aranha, que nos orientou como seria a melhor maneira de usar os pallets. A participação dela foi fundamental, mostrando como se lixa e prepara a superfície dos pallets e os cuidados com a manutenção futura do material. Estas orientações da Rita nos fizeram perceber que a quantidade de trabalho era grande para terminar no prazo, considerando o número de pessoas e ferramentas que tínhamos em média.

No dia 29 de julho, o Alemão recebeu diversas atividades do ENEA (Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura) que, ao longo da Av. Central, movimentaram aproximadamente 150 pessoas. Entre rodas de conversa, cozinha coletiva, cine-debate e práticas de plantio, foi marcado um mutirão na praça que seria, ao mesmo tempo, uma atividade do encontro durante esse dia, para assim aproveitar o grande número de pessoas com interesse e disposição para co-

laborar. Esse reforço possibilitou principalmente adiantar o trabalho com os pallets, que era o que mais nos preocupava com relação ao novo prazo.

Com os pallets tratados, os próximos mutirões foram dedicados à montagem dos mobiliários e à fixação dos pilares e das vigas, que por fim, acabaram sendo compradas na madeireira. Os pilares foram colocados com a ajuda de um pedreiro morador do Alemão, super ágil na execução das fundações, e do prof. Pablo. Para fixação dos pilares, foram feitas escavações de 70 centímetros em cada pilar e, posteriormente, concretados, protegendo a base dos pilares e colocando pregos para fixação no concreto. Sem a ajuda deste morador, a tarefa teria sido de difícil execução.

Já o encaixe das vigas com o pilar foi avaliado em diversas possibilidades, e a presença do marceneiro Roberto, junto com o professor Pablo, tanto para pensar nas alternativas, quanto na execução, foi fundamental para que o trabalho fosse bem sucedido. O trabalho de nivelamento e fixação das vigas, bem como a preparação das mesmas para receber a trama de arames (material escolhido devido à facilidade de manutenção), que daria suporte a cobertura verde, foram executados em um final de semana.



Fig.42: Atividade do ENEA Rio.
Foto dos alunos/2015.

A disposição dos pallets foi ajustada, mas não ficou muito diferente do original, principalmente pela questão de ser mantida a espacialidade que foi pensada durante a elaboração do projeto.

Nos últimos encontros, foram feitos ajustes pontuais e que não mobilizaram muita mão de obra: o nivelamento dos pallets; a execução da trama de arame para suporte das trepadeiras; a plantação de algumas mudas doadas pelo coletivo Verdejar; e a pintura de alguns objetos.



Fig.43: Colocação do pilar.
Foto: Isabela Couto Barcia/2015.



Fig.44: Passagem de arame na
cobertura. Foto: Maria Rúbia
Grillo/2015.

7.2.3 - Parceiros (Mutirão)

Integrantes do Raízes em Movimento: Alan Brum Pinheiro, Bruno Coutinho, Thiago Matioli, Renato Tutsis, David Amen, Ricardo Moura, Lauro Sidney Ottoni, Hector Santos, Marize Cunha e Eugênia Motta.

Moradores e amigos do morro do Alemão: Flávia, sua mãe e a Isabelle que, junto com Dona Neusa, mãe do Alan, tia Ana e Fatima Pivetta cuidaram da alimentação; Felipe, filho do Alan, Luiz Felipe e o Junot. Roberto Negão: fixação de vigas e pilares; Beto Galinha: pilares e fundações; Fabio Lima “Pirrã”: fundações; Bill: pedreiro lá do pé do morro; Helington: marceneiro; A fisioterapeuta, Mônica Cirne Albuquerque: doação de uma boa quantidade de material de construção para o mutirão.

Moradores das imediações da praça: Dona Maria, Seu Gabriel e o Jorge, vizinha e vizinhos da praça, que acompanharam todo o processo.

Empresa Polimix Concreto: doação dos corpos de prova.

Transporte de materiais: Harri Roberto Kranen, avô do aluno Ricardo Kranen, que ajudou com o transporte de corpos de prova; Dedé, e colegas

responsáveis pelo transporte de boa parte dos pallets necessários; Motoristas da Kombi da PR5 – Pro-Reitoria de Extensão da UFRJ: corpos de prova e pallets.

Coletivo Papo Reto: representado pela Renata Trajano, Lana de Souza, Ananda Trajano, Carlos Coutinho, Raphael Calazans, Raul Santiago e o Thainã de Medeiros.

Amigos e amigos do Verdejar: Edson, Marcelle, Eric e Luara

CEM (Centro de Educação Multicultural): Mário Band's e a Daniele Marques, também membros-fundadores do Raízes.

EDUCAP: Lúcia Cabral

Barraco #55: Alice Rodrigues, Jéssica Souto, André Valle e a Liliana

Ocupa Alemão: Leonardo Souza

Canteiro Experimental da FAU/UFRJ: doação de corpos de prova e empréstimo de ferramentas.

Laboratório de Modelos e Fabricação Digital - LAMO/UFRJ: empréstimo de ferramentas.

Abriçó – EMAU/UFRJ: empréstimo de ferramentas.



Fig.45: Praça quase finalizada, já com mobiliário montado e alguma vegetação já plantada.
Foto: Solange Carvalho/2015

Fig. 46: Tucano apresentado pela Rita Aranha, artesã do Complexo do Alemão
Foto: Maria Rúbia Grillo/2015





8. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Todo este processo de mutirão da Praça Verde nos ensinou, em primeiro lugar, a importância do projeto como uma antecipação do que será realizado, permitindo a comunicação e diálogo com os moradores para se chegar ao resultado em conjunto.

A realização de um espaço público, que será utilizado por várias pessoas, e que corre riscos de depredação, obrigou a um esforço pelo uso de materiais que pudessem ter ao mesmo tempo um custo baixo e facilidade de manutenção.

Este projeto também foi fundamental para entendermos a importância de ter alguma previsão de tarefas, embora as mesmas tenham se alterado ao longo do tempo, seja pelo custo dos materiais ou por dificuldades na execução. Consequentemente, consideramos fundamental um cronograma bem detalhado, onde cada

tarefa seja discriminada e dimensionada dentro dos limites reais, de modo a evitar imprevistos.

Muitas vezes, durante o processo, em função da falta de definição do projeto ou de imprevistos na execução, o trabalho foi executado de forma experimental através da tentativa e erro, o que, consequentemente, resultou em um atraso no cronograma.

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, o processo foi muito rico, visto que foi possível preservar uma área para uso coletivo ameaçada por ocupações privadas. Se ela irá se manter preservada depende do envolvimento, apropriação e manutenção dos próprios moradores.

Em segundo lugar, entendemos claramente as dificuldades de construção com poucos recursos e o que muitas vezes parece improvisação, na realidade, são estratégias de resposta a estas carências.



Fig.47: Alunos sendo entrevistados para vídeo de divulgação do projeto, feito pelo Raízes em Movimento no dia da inauguração da Praça.
Foto: Raízes em Movimento/2015.

No aspecto prático da construção, cada tarefa executada em conjunto com algum morador trouxe ensinamentos, desde como levantar uma parede, nivelar um piso, fazer uma fundação, colocar um pilar, fixar vigas, preparar e colocar pallets. Cada uma destas tarefas foi fruto de um intercâmbio de conhecimentos muito rico.

Finalmente, a convivência neste meses foi importante para tornar o olhar dos alunos mais sensível frente aos processos de transformação da favela e das próprias dinâmicas locais. Além disso, o fato do projeto ter sido desenvolvido no próprio local de intervenção e em constante contato com os futuros usuários faz a disciplina se diferenciar das dinâmicas comuns de projeto trabalhadas pela universidade.





9. POIS, QUEREIS A PRAÇA?



Autores:

Alan Brum Pinheiro,

David Amen,

Renato Tutsis,

Ricardo Moura,

Lauro Sidney Ottoni

e Thiago Matioli

**(Membros do Instituto
Raízes em Movimento)**

A pergunta acima, feita por Castro Alves em seu poema “o povo ao poder”, poderia muito bem ter sido feita pelas alunas e alunos da turma 2015.1 de Projetos de Urbanização Alternativa, aula ministrada pelos professores Pablo Benetti e Solange Carvalho em parceria com o Instituto Raízes em Movimento, aos moradores do Morro do Alemão, logo após a decretação da greve de técnicos, discentes e docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O objetivo da disciplina é levar os alunos a pensar a arquitetura para além das demandas que o mercado lhe impõe, considerando também em seus projetos as dimensões da questão urbana e das desigualdades que lhe são inerentes.

Já houve, ao menos, duas outras edições da disciplina: uma na Maré e outra na Vila Residencial da UFRJ. Com os mesmos propósitos.

Por outro lado, o Raízes, que atua no Complexo do Alemão há quase quinze anos, vem se aproximando cada vez mais da Universidade e

de uma reflexão sobre o papel estratégico do conhecimento na produção das cidades e na elaboração de políticas públicas efetivamente universalizantes. A ação mais recente neste sentido é a construção do Centro de Pesquisa, Memória e Documentação do Complexo do Alemão (CEPEDOCA), cujo objetivo, de modo sistemático, é construir uma forma de contar as histórias do Alemão e da cidade através do resgate da memória local de modo articulado com o saber acadêmico; de modo a permitir o fortalecimento dos laços de pertencimento com esse lugar, potencializar sua organização social e política e tencionar as formas dominantes de se produzir a cidade.

O CEPEDOCA, quando do estabelecimento da parceria com a FAU/UFRJ, já tomava corpo nos encontros mensais do Vamos Desenrolar e do Coletivo de Pesquisadores em Movimento. O primeiro se caracteriza pela realização de encontros em praça pública em diversos locais do Complexo do Alemão nos quais pesquisadores

dos mais variados temas e moradoras ou moradores com trajetória ligada ao tema discutido dinamizam um debate, com microfone aberto para pessoas que estejam passando e queiram acompanhar o encontro e participar contando e contribuindo com suas histórias. A atividade já acontece desde 2013. No primeiro ano, foram abordados temas como: urbanização do Complexo do Alemão, segurança pública, homofobia na favela, cultura, juventudes e memória, com ênfase na migração e ocupação do bairro; sintetizados em um caderno com relatórios dos encontros e pequenos textos produzidos pelos dinamizadores das atividades. No ano seguinte, já no formato de curso de extensão, sob o mote das políticas públicas, o programa se dividia em: (políticas públicas e) direito à cidade, direitos humanos, saúde e cultura.

O Coletivo de Pesquisadores em Movimento tem como objetivo colocar os pesquisadores que realizam seus trabalhos no Complexo do Alemão em contato entre si, possibilitando maior diálogo e troca de informações; criar um espaço de debate sobre as pesquisas que estão sendo re-

alizadas e tomam esse território como objeto de pesquisa ou recorte espacial; e pensar maneiras desses pesquisadores atenderem à comunidade estudada com os conhecimentos produzidos.

Neste contexto, algumas parcerias com a UFRJ haviam sido estabelecidas, com centros e institutos diferentes. Uma delas para realização da disciplina de Projetos de Urbanização Alternativa no Complexo do Alemão, a qual geraria, ao final das aulas, um plano de urbanização para a Avenida Central e de seu entorno, a ser apropriado pela população local em suas demandas por melhorias nas condições de vida e na qualidade dos serviços prestados.

As aulas começaram em março, alguns de nós do Instituto fomos participar de uma aula na FAU, posteriormente, as alunas e alunos vieram em visita ao Alemão, conheceram a Avenida Central, e seu entorno, e se reuniram com moradoras e moradores para elaborar o diagnóstico necessário. A meio caminho desse processo veio a greve e, pelo andamento dos trabalhos, já bastante avançados, sua interrupção seria prejudicial para todo mundo. Tendo isto em vista, em uma de-

cisão conjunta, optou-se pela concentração dos esforços em uma das propostas que comporiam o projeto final, qual seja, a construção da Praça Verde do Alemão, em regime de mutirão. Pois, quereis a praça?



Fig. 48: No princípio foi a picareta. Primeiro dia de mutirão. Foto dos alunos/2015.

Você praça, acho graça; você prédio, acho tédio.

Caminhando pelas ruas de São Paulo é possível ver as quadrinhas acima em alguns espaços; mais recentemente, tornou-se possível lê-las ao navegar pelas redes sociais. Foi na internet, também, onde descobrimos que a ideia foi de Dafne Sampaio, blogueiro, jornalista e “vândalo amador”, como ele se define em seu blog. No jogo de palavras de Sampaio, a praça seria o lugar da alegria, do prazer, da vida urbana, dos encontros, ou ainda se resgatamos outros sentidos da palavra “graça”, poderíamos tomar a praça como uma dádiva da cidade para as pessoas. Já o prédio seria o sinônimo do enfado, aborrecimento, desgosto ou mesmo do vazio urbano que ele causa ao conter as pessoas dentro de si, vedando-lhes a circulação.

Isso permite desdobrar algumas ideias, como a crítica aos prédios como uma forma de pensar e esquadrihar o espaço urbano de modo a atender a aridez do mercado, da au-

sência dos afetos e sua substituição pelas cifras, da substituição do sentimento pelo cálculo; de negar o espaço público para as pessoas e aos seus desejos, sequestrados pela urgência do lucro e contidos nos espaços onde ele é gerado. Ou ainda, nos leva a refletir sobre o fetiche do concreto compartilhado por técnicos que pensam as políticas de urbanização das favelas e não conseguem propor outras formas de intervir nesses territórios que não seja através do cimento, em detrimento de áreas verdes ou soluções que atendam mais a sustentabilidade do meio ambiente.

Por outro lado, remete à praça tal como construída no imaginário ocidental desde a Antiguidade Clássica. O lugar por excelência da circulação, do exercício da política e da cidadania, ou ainda, nas palavras de Jane Jacobs, em sua obra *Morte e Vida das Grandes Cidades*, do “prazer do lazer, com os outros e com a cidade que passa”. Na praça, Sócrates difundia sua filosofia, destilava sua ironia e questionava aqueles que julgavam saber mais do que sabiam, em uma crítica profunda à sociedade ateniense da época. Foi por

conta de sua atividade nesses espaços que foi condenado à morte. Seguindo as quadrinhas de Sampaio, poderíamos sugerir que, negar as praças, seria dar o mesmo destino de Sócrates às cidades, submetidas pelo exército de prédios e ao império da autoridade técnica, incapaz de reconhecer qualquer vislumbre de criatividade que lhe fuja do projeto.

O que tem entre seus efeitos políticos a desqualificação do saber popular em prol da manutenção dos modos dominantes de produção de cidades por sangrar de morte as iniciativas espontâneas e questionadoras das formas tradicionais de poder no meio urbano.

Isso nos aponta outra dimensão da praça, na história do Ocidente, como espaço político por excelência. Ela é do povo, já dizia Castro Alves:

O Povo ao poder

(...)

A praça!

A praça é do povo

Como o céu é do condor

*É o antro onde a liberdade
Cria águias em seu calor*

*Senhor!...Pois quereis a praça?
(...)*

Imaginário marcado pela existência da polis grega, onde atenienses, homens e não-escravos, definiam os destinos da cidade, através da persuasão. Neste sentido, a ela está ligada a ideia de espaço público, como lugar da visibilidade da prática política que alimentou boa parte da história da filosofia ocidental. É sobre esse terreno que a Praça Verde do Alemão foi construída, como decisão política de moradoras e moradores, alunas e alunos, professor, professora e tutor da turma frente aos modos tradicionais de agências e técnicos do poder público, que pensam a cidade sob um modelo único. A Praça Verde do Alemão é do povo, assim como o céu é do condor!

Posteriormente, Castro Alves passou a dar nome a uma praça em Salvador, na Bahia. E assim foi cantada por Caetano Veloso, em Frevo novo:

*A praça Castro Alves é do povo
Como o céu é do avião
Um frevo novo, eu peço um frevo novo
Todo mundo na praça
E muita gente sem graça no salão
Mete o cotovelo e vai abrindo o caminho
Pegue no meu cabelo pra não se perder e
terminar sozinho
O tempo passa mas, na raça eu chego lá
É aqui nessa praça que tudo vai ter de
pintar.*

Todo mundo na praça e gente sem graça no salão diz a mesma coisa do prédio/tédio e praça/graça. Assim, a praça é o lugar da alegria, do encontro (todo mundo na praça) e das reinvenções.

Lugar da pedagogia, da política e da alegria, essas são as características da praça tal como historicamente imaginadas no Ocidente.

Na praça de Isidora, uma das cidades visitadas por Marco Polo, a serviço de Kublain Kahn na obra de Ítalo Calvino Cidade Invisíveis, havia um murinho onde ficavam os velhos a ver a juventude passar; e os desejos se tornarem recordações. Na

Praça Verde do Alemão, a sabedoria se juntou ao vigor da juventude e os desejos tomaram formas no mobiliário; e foram retratadas nas fotos, para que se perpetuassem como recordações.

Na visita a Zaíra, que Marco Polo, e/ou Calvino, nos dão as pistas necessárias para entender as relações entre as cidades e a memória. Segundo o

Fig.49: Vamos Desenrolar. Pedagogia, Política e Alegria na Praça. Foto: Raízes em Movimento/2015.



personagem, a cidade é feita das relações entre as medidas de seus espaços (“a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado”, por exemplo) e os acontecimentos do passado; ela se embebe como uma esponja, da onda que reflui das recordações e se dilata. Ela não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito no ângulo das ruas, nas grades da janela, corrimões de escada, mastros de bandeira e, por que não, no projeto de uma praça.

Mediante estas pistas, talvez seja hora de tentarmos remontar o quebra-cabeça que nos evoca à memória dessa praça; ou como os acontecimentos passados, as formas de questionamento do presente, tomaram forma nas medidas da Praça Verde do Alemão. Seu cenário, a Avenida Central; seus personagens; e sua apropriação. Eis nossas peças.

Um ponto chique.

Um ponto chique do Morro do Alemão, assim a Avenida Central é apresentada em ma-

téria do Jornal do Brasil em matéria de 13 de Janeiro de 1980:

“O preço do barraco na Avenida Central – ponto chique do morro, onde existe acesso para automóveis graças a rua aberta em regime de mutirão – está em torno dos Cr\$ 70 mil, quantia que cai até Cr\$ 30 mil nas sinuosas vielas transversais, encharcadas por despejos de esgotos e sem calçamento. O Morro do Alemão mistura os tradicionais barracos de tábuas com casa de alvenaria dotadas de algum conforto: fossas, água encanada, luz, televisão e até aparelhos de ar condicionado” (Jornal do Brasil, 13 de Janeiro de 1980, pg. 20).

A Avenida Central, no Complexo do Alemão, é uma das principais entradas para o interior do bairro, junto com as ruas Nova Brasília, Joaquim de Queirós, Antônio Austregésilo, Canitar e Nova. A partir delas, e dos diversos becos que as encontram, pode-se chegar a quase qualquer uma de suas localidades: Nova Brasília, Grota, Itararé,

Areal, Mineiros, Alvorada, Cruzeiro, Matinha, Casinhas ou Fazendinha. Para chegar ao Adeus, Baiana e Pedra do Sapo, há outras vias, mas que não carregam a centralidade, sobretudo, econômicas dessas vias.

A Avenida Central corta o Morro do Alemão. Ela começa na Estrada do Itararé e termina na antiga Praça Dois Irmãos, também conhecida como Largo da Morte. Recentemente, essa praça deixou de cumprir sua função de espaço público para abrigar a estação do Teleférico do Alemão; mas, ali, se manteve o restaurante do Neném, que serve um dos melhores almoços da região. E lá também, está sediada uma das bases da UPP, que leva o mesmo nome da estação.

No diagnóstico sobre o “Conjunto Favelado do Alemão” apresentado no relatório preliminar do Projeto de Desenvolvimento Social de Favelas, publicado em 1983, elaborado numa parceria entre a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), a Avenida Central é apresentada como o único acesso para veículos até o ponto mais alto da Favela do Morro do

Alemão, onde se situava a Praça Dois Irmãos. Sua importância é reforçada pelo comércio que ela concentra e pela ligação com a Rua São Filipe, única via que penetra até a “parte alta” desta favela. Sua pavimentação seria precária e apresentava alguns pontos de estreitamento, principalmente, próximo à Praça.

Descrita como “muito íngreme”, com muitas curvas e apenas um trecho com largura de 6,00m, propunha-se como intervenção viária a criação de dois bolsões e a ampliação da praça de modo a permitir a instalação de outros equipamentos a serem indicados pelo projeto e facilitação da manobra de veículos. A Praça Dois Irmãos era projetada como um ponto de convergência para os moradores. Para as obras de alargamento, que também estavam previstas para a rua Joaquim de Queirós, alguns “remanejamentos”, termo mais neutro para um período em que a remoção ainda projetava sombras e trevas sobre as políticas para favelas na cidade do Rio de Janeiro, seriam necessários, segundo o Projeto.

Quem subia, ou descia, a Central há trinta anos já podia ver a Creche Comunitária, a Igreja

de São Judas Tadeu e a sede da UDAMA (União de Defesa e Assistência aos Moradores do Morro do Alemão). Quem fizer esse trajeto, hoje, vai encontrar esses três equipamentos, e alguns outros como: logo no pé do morro, que é um dos “pontos de convergência” da Central, está localizado o CMS Alemão, também conhecido como postinho, conquistado após uma mobilização muito importante realizada no fim dos anos 1990 e início dos anos 2000 pelas moradoras e moradores do Complexo do Alemão, articuladas em torno do Conselho Comunitário de Saúde do Complexo do Alemão (CONSA); a sede do Instituto Raízes em Movimento; a estação do Teleférico. O comércio, com seus bares, salões e loja de material de construção, continua aquecido. Entretanto, ao chegar ao seu topo, já não há mais a Praça Dois Irmãos, entretanto, no meio do caminho, há um novo espaço.

Trata-se da Praça Verde do Alemão! Erguida em um dos vazios gerados pelas intervenções do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

O alargamento e as remoções previstas no Projeto de 1983 foram realizados nas interven-

ções do PAC, iniciadas em 2008; e justificados pela necessidade de ampliar a via para passagem de equipamentos pesados imprescindíveis para a construção do teleférico. Descobriu-se, posteriormente, que essas enormes peças poderiam ser desmontadas o que tornaria prescindível a remoção, mas, como já foi dito, na lógica dominante por trás da produção das cidades, as pessoas e suas casas são apenas números, e suas histórias são descartáveis. No entanto, outros processos são desejáveis e necessários, e projetos que caibam nas histórias, e não o inverso, são possíveis, como mostra o processo de construção da Praça Verde do Alemão.

Alguns anos depois, a área aberta pelas remoções passou a ser reocupada pelos moradores, alguns terrenos foram estendidos e outras casas passaram a ser construídas; no fim de 2014, as obras na Avenida Central foram retomadas, com sua pavimentação, contenção de encostas em dados espaços (com concreto), a construção de calçadas e de baias de estacionamento, sobretudo no lado esquerdo da rua (onde houve maior número de remoções). A dinâmica da

ocupação do espaço nas favelas e outros espaços populares não cabe nas plantas e expectativas dos engenheiros.

Um desses vazios se tornou ponto de convergência para as energias e ideias do Raízes em Movimento; das alunas e alunos e professores da disciplina de P.U.A.; e de outras parcerias ao longo do processo. E um novo sentido e materialidade ao lugar foram construídos. Como diria Caetano, na música citada acima, “aqui nessa praça que tudo vai ter de pintar”; e muitas e muitos foram pintar, virar massa, cavar, carregar terra, assentar

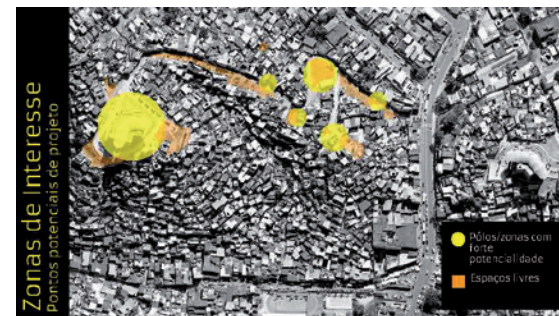


Fig.50: Espaços meio vazios? Não para a turma de PUA. 2015.1. Imagem produzida pela turma para o Diagnóstico/2015.

corpos de prova, colocar os pneus para contenção da água da chuva, limpar-lixar-betumar os pallets, cruzar o arame, errar, consertar, aprender e ensinar.



Fig.51: A mesma praça?
Foto: Raízes em Movimento/2015

É sobre todas essas personagens que tentaremos falar, de modo sucinto e correndo enorme risco de sermos injustos com alguém.

A praça é nossa.

Para além dos três sentidos da praça, conferidos pelo Ocidente, citados acima, há outro que não apontamos: a dimensão do afeto. Por exemplo, enquanto lugar da sensibilidade, para Baudelaire esperava que a praça fosse tomada pelo artista moderno como ponto de observação em sua busca pela captação dos fluxos infinitos da modernidade; mas ela também é espaço para o amor, seja dos encontros que tornam desconhecidos em apaixonados; seja como refúgio onde os amantes vão sofrer por suas amadas, ou amados. O segundo caso foi retratado na música brasileira mais conhecida sobre uma praça, imortalizada na voz de Ronnie Von, em A Praça:

*“A mesma praça
O mesmo banco*

*As mesmas flores, o mesmo jardim
Tudo é igual, mas estou triste
Porque não tenho você
Perto de mim..."*

Talvez ela tenha ficado ainda mais famosa por ter se tornado trilha de abertura do programa humorístico A Praça é Nossa. Uma variação mais lúdica, digamos assim, da perspectiva de Castro Alves de que a Praça é do Povo. Para além da qualidade do humorístico, que não será discutida aqui, não faltaram referências a ele durante o mutirão para a construção da Praça Verde do Alemão.

"Cazalberto", o personagem principal do programa, que fica sentado no banco da praça recebendo os demais personagens, foi identificado na figura de Alan Brum, membro-fundador do Raízes em Movimento, cujos membros estiveram em peso no processo de mutirão: David Amen (outro membro fundador do Instituto), Thiago Matioli, Renato Tutsis, Ricardo Moura e o "Seu" Sidney, figura importante no processo colocando à disposição todo o peso de sua trajetória e

conhecimentos para se somar ao saber técnico trazido pelas alunas, alunos e professores da FAU, apresentando com desenvoltura as formas de fazer que aprendeu ao longo da vida.

A identificação de Alan Brum com o "Cazalberto" foi feita por Carlos Coutinho, que se auto-identificou como "Paulinho Gogó", outro personagem do humorístico. Fotógrafo, Coutinho trocou a câmera pela enxada, ou pela pá, ou pelo carrinho etc. quando foi necessário; membro do Coletivo Papo Reto, também representando pela Renata, Lana, Ananda, Calazans, Raull Santiago e o Thainã; assim como estiveram presentes em peso as amigas e amigos do Verdejar - instituição co-irmã do Raízes em Movimento - (Edson, Marcelle, Eric e Luara), do CEM (Mário Bands e a Dani, também membros-fundadores do Raízes), EDUCAP (e a Lúcia Cabral), Barraco #55 (Alice, Jéssica, André e a Liliana), Ocupa Alemão (com o Leo, Carol, Lincoln e Juliana) e outras organizações locais do Complexo do Alemão. E uma galera que tava junta, sem filiação direta ou necessária com qualquer coletivo, como os Felipes (o filho do Cazalberto e o Luiz Felipe), Maycom Brum



Fig.52: Don Lauro Sidney Ottoni. Foto: Raízes em Movimento/2015

Fig.53: David Amen e Renato Tutsis. Foto: Raízes em Movimento/2015



(sempre colando junto ao Raízes) ou o Hector, que alegrou um bocado a todas e todos quando estava lá.

Ana, Bruna, Carolina, Erick, Gabriela, Higor, Isabela, Johanna, Larissa, Marina, Marinah, Ricardo, Rúbia, Thiago e Victor formaram o bonde de alunas e alunos do curso que resolveram aproveitar a proposta questionadora da disciplina, os momentos de efervescência política da Universidade e seus espíritos críticos para pôr a



Fig.54: Alan Brum e Carlos Coutinho, ou, nesse caso, Cazalberto e Paulinho Gogó. Foto: Raízes em Movimento/2015.

mão na massa, com frequência e intensidades distintas. Sob a observação e orientação, inicial e preponderante, do professor Pablo Benetti, da professora Solange Carvalho e do Rodrigo, tutor da disciplina. Dizemos “observação e orientação, inicial e preponderante”, pois a esse trabalho de supervisão se somaram outras pessoas como o já citado Don Lauro Sidney e Rita Aranha, a quem coube acompanhar boa parte do trabalho dessa galera, sobretudo, na preparação dos pallet e a pessoa que trouxe o Tucano feito de pneu reaproveitado que adorna a praça.

O apoio de Roberto Negão também foi fundamental para a praça, nos trabalhos de colocação dos pilares e vigas de madeira para sustentação da cobertura verde projetada; seu filho Beto Galinha também chegou junto. Mas, a criação dos buracos para fundação, tal como o carregamento dos pilares, contou com a ajuda do Pirrá, solidário como todo bom botafoguense. Assim como foram providenciais, a Flávia, que já tinha chegado junto do Raízes em 2014, sua mãe e a Isabelle que, junto com Dona Neusa, mãe de Alan “Cazalberto”, e a tia Ana, salvaram a

gente nos alimentando quando foi necessário. A Marize Cunha e a Fatima Pivetta chegaram junto também, levando uma quiche de queijo num dos primeiros dias. Do Coletivo de Pesquisadores em Movimento apareceram a Eugênia, o Junot e o Bruno Coutinho.

O Bill, pedreiro lá do pé do morro, que



Fig.55: Parte da galera da turma de PUA. 2015.1: Carol, Isa, Ana, Larissa, Victor, Erick e Bruninha. Foto: Raízes em Movimento/2015

Fig.56: O professor Pablo Benetti e Roberto Negão trabalhando e aprendendo juntos. Os sabres dialogando em tempo real.
Foto: Raízes em Movimento/2015



Fig.56: Rita Aranha.
Foto: Raízes em Movimento/2015



trabalhou na construção da sede do Instituto Raízes em Movimento há alguns anos atrás, se fez presente em mais um momento importante para nós; o Helington, marceneiro, contribuiu muito com sugestões e orientações para a montagem da cobertura e dos pilares; a fisioterapeuta, Mônica Albuquerque, cuja solidariedade na atenção aos seus pacientes, se traduziu na doação de uma boa quantidade de material de construção para o mutirão; Dona Maria, Seu Gabriel e o Jorge, vizinha e vizinhos da praça, que acompanharam todo o processo.

Se o Dedé, e a rapaziada que trabalha com ele na empresa de gás, não tivesse chegado junto, boa parte dos pallets necessários não chegariam à sede do Raízes; afinal, eles se dispuseram a ir até o Fundão buscá-los, após o evento do ENEA. O Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura, realizado na UFRJ na última semana de Julho, levou, numa quinta-feira, ao morro do Alemão mais de uma centena de futuros arquitetos e arquitetas. Uns aproveitaram mais a experiência antropológica, outros deram alguma contribuição no mutirão.

Sem falar das crianças, cujos nomes não registramos, mas que ajudaram o quanto puderam e as quais esperamos que se apropriem da praça, como delas; e mantenham em constante renovação essa mesma praça; ou reconstruam outras, sob o mesmo nome, Praça Verde do Alemão, como a cidade de nome Maurília, visitada por Marco Polo, na já citada obra de Ítalo Calvino.

Todo esse trabalho feito sob os olhares e proteção do índio, vivo no etnografite de Tiago Tosh, outro membro das antigas do Raízes em Movimento.

Pré-inaugurando a praça.

Em que pese toda a significação positiva que o Ocidente conferiu às praças, a forma como elas foram apropriadas e funcionalizadas por certo pensamento urbanístico levou Jane Jacobs, no livro supracitado, a criticar o papel do que ela chama de parques de bairro (dos quais, as praças seriam uma das expressões) nos

projetos urbanísticos modernistas. Ela fala de certo fetiche do “planejamento urbano ortodoxo” pelas áreas livres, celebradas de forma acrítica; pensadas como dádivas da vida concedidas a locais carentes.

Jacobs inverte essa lógica ao afirmar que não são as áreas livres, os parques de bairro, que conferem vitalidade a um espaço, fomentando seu uso e circulação; pelo contrário, são as pessoas que lhe conferem sucesso ou fracasso. Em outras palavras, não é um dom da praça abrigar pessoas e usos, é sua apropriação por eles que vai lhe conferir força e vida necessárias.

Sem abandonar as observações de Jacobs e mantendo-as no horizonte como riscos possíveis, a Praça Verde do Alemão já foi gestada com a vida e a energia que deixaram ali todas e todos que contribuíram para sua construção; as ideias por trás da praça deram-lhe um caráter híbrido de saberes que ao se materializar na sua forma, confere uma espécie de força de atração, digamos assim, sobre as pessoas seja nas suas rotinas, seja nas atividades ali realizadas.

O Frevo Novo de Caetano, a levar todos à praça, foi tocado inicialmente sob os acordes do bom e velho Rock and Roll, o qual, segundo o Ocupa Alemão, é “som de preto, de favelado e quando toca, ninguém fica parado”. Sob esse lema, foi realizado na Praça Verde do Alemão, no dia 1º de Agosto, o Ocupa Rock. Mais de uma centena de pessoas se reuniu ao som dos riffs e bateria pesada das bandas que passaram por lá.

Fig.57: Rock é som de preto, de favelado. Foto: Raízes em Movimento/2015



Esteticamente falando, mais próximo ao frevo chegamos com o encontro das fanfarras, realizado na semana seguinte. Tratava-se de uma das atividades do festival Honk in Rio, com origem na cidade de Boston, nos estados, em sua primeira edição no Brasil. A Praça Verde do Alemão recebeu as bandas Hey Ho! e Os Biquinis de Ogodô recebem as Sungas de Odara. A primeira subiu a Central até depois da antiga Praça Dois Irmãos, e na descida passou o bastão, ou o som, para a segunda. E com muita música e água, de uma mangueira disponibilizada por uma vizinha do Raízes, no dia 09 de Agosto, dia dos Pais, a Praça Verde teve sua segunda pré--inauguração.

Algumas atividades da edição 2015 do Vamos Desenrolar também foram realizadas na Praça Verde. Seguindo possibilidades de resposta a questão posta: O que nos conta o Complexo do Alemão sobre a história do Rio de Janeiro? O primeiro encontro foi dinamizado por Fernando Cavallieri, sociólogo, técnico de governo e funcionário do Instituto Pereira Passos; o segundo pelo Thiago Matioli e Ricardo Moura, membros do Instituto Raízes em Movimento.

Dar conta da apropriação cotidiana da praça, talvez fosse tarefa para um etnógrafo, com sua imersão no campo e descrição densa, ou para um ou uma dos artistas modernos imaginados por Baudelaire a sentar-se na praça, para tentar captar a multiplicidade da vida moderna. Como não temos na equipe gente com essa qualificação, (há muitas virtudes entre os nossos, mas não essas em particular), podemos registrar as conversas ao fim de tarde que se dão ali, as crianças brincando nos pallets e, por que não, os cachorros que vivem circulando por ali.

Fig.58: Esperando as fanfarras. Foto: Raízes em Movimento/2015



Os conselhos de Jacobs são importantes e precisamos ser justos, para evitar mal-entendidos, ela não é contra áreas livres ou parques, apenas questiona a sua função em dada forma de se pensar e fazer urbanismo. No entanto, precisamos ter em mente, que um espaço, uma praça, que nasceu para ser do povo, como o céu é do condor, vai ser muito ocupado e reconstruído, em termos materiais e simbólicos, por muitos anos.

A praça é o lugar da política, dos afetos, da alegria e da possibilidade de conhecer; a Praça Verde se fez terreno fértil para tudo isso, não apenas por ser pensada sob as características que o Ocidente conferiu ao espaço público, ou às áreas livres, mas, principalmente, porque ela foi fruto de uma escolha e atuação política; os afetos foram surgindo e se multiplicando, durante o processo do mutirão, criando novos laços; a alegria foi tão importante quanto os materiais conseguidos para sua construção; e ela é fruto de um amálgama de saberes.

Com relação a este último ponto, precisamos deixar claro o papel do conhecimento na produção de cidades desiguais. Depois de

décadas de lutas pela garantia da participação da sociedade na formulação, execução e avaliação das políticas públicas, o saber incorporado nos técnicos e na burocracia, dos governos e das empresas, se manifesta como ferramenta de controle social e bloqueio a esse engajamento popular através da desqualificação dos saberes populares. No caso específico das favelas, muitas foram urbanizadas pelas próprias moradoras e moradores; que se tornaram as pessoas que conhecem a topografia do lugar e a disposição do terreno, por exemplo. Desconsiderar este conhecimento, fruto das trajetórias e da vivência no local, tem como efeitos contratempos na realização das obras que poderiam ser evitados e, o que é pior, o impedimento à participação popular mediante não só justificativas técnicas, mas pela defesa da autoridade da formação universitária.

Precisamos ter em mente os efeitos políticos e econômicos dessa hierarquia de saberes, pois ela é indissociável da lógica de produção de

desigualdades sociais. A realização do mutirão, e a consequente aproximação de universitárias e universitários das pessoas que vivem no local, permitiu resgatar a produção de conhecimento da lógica utilitária, a qual visa atender às necessidades do mercado com a oferta de obra técnica qualificada, mas sem perspectiva crítica e política. O diálogo proporcionado em diversos momentos da disciplina e do mutirão contemplava a formação política de modo dialético e pleno: por um lado, com a instrumentalização das organizações locais com uma ferramenta técnica, a legitimar demandas; por outro, em contrapartida, com o tensionamento de dado sistema curricular excluyente e a formação de novos quadros da arquitetura habituados em dialogar com as realidades locais e mais dispostos a construir junto com as pessoas, cidades mais justas.

Todas as características positivas que o Ocidente pôde conceder às praças, depois de anos registrando as formas como elas eram uti-

lizadas e apropriadas, a Praça Verde do Alemão demonstrou portar em suas construção, sob regime de mutirão; e sua materialidade cristaliza todas elas, em relação aos acontecimentos passados e questionamentos do presente, sem que sejamos repetitivos.

Tudo isso sob o olhar guardião e protetor, do índio grafitado na parede, por Tiago Tosh.

Fig.59: O protetor da praça, etnografite de Tiago Tosh.
Foto: Raízes em Movimento/2015

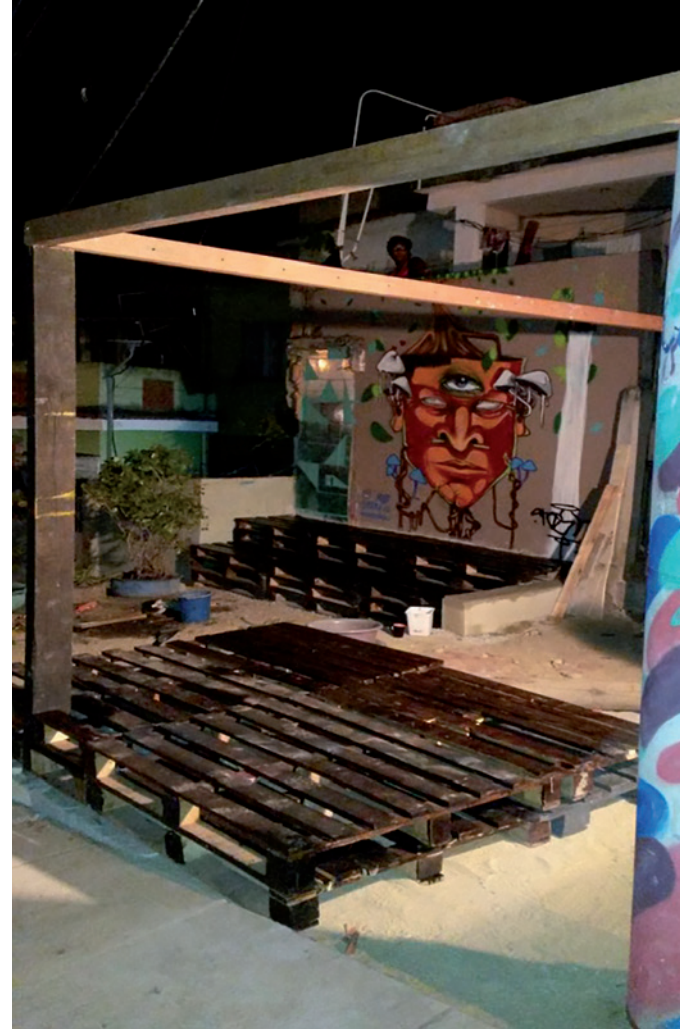


Fig. 60: Foto da Praça verde do Alemão. O subtítulo deste trabalho remete à famosa frase de René Magritte “isto não é um cachimbo” colocada no quadro intitulado “a traição das imagens” de 1929, obra atualmente exposta no Museu de Arte do Condado de Los Angeles (LACMA). A traição das imagens desafia a convenção linguística de identificar uma imagem de algo como a coisa em si. Na analogia que fazemos com o projeto da praça, tentamos colocar que a visão da praça esconde outras questões não evidentes. Foto: Erick Mouros



10. COSTURAS URBANAS NA AVENIDA CENTRAL DO MORRO DO ALEMÃO

“isto não é uma praça...”



Autor:
Pablo Benetti

Este artigo tenta explicar o que se vê e o que não se enxerga quando se olha para a Praça da Avenida Central feita por moradores, alunos e professores da Disciplina PUA – Projetos de Urbanização Alternativa – 2015-1, nos meses de julho a setembro de 2015.

Ao olhar para a praça, vemos um objeto concluído, mas o que este objeto esconde ou não mostra? Quais os processos que concluíram na sua forma final e não estão evidentes e quais lógicas conflitos, interesses e desejos contraditórios que permearam sua construção?

Sem ânimo de fazer uma lista aprofundada e exaustiva, até porque a percepção deste processo está muito longe de ser consensual e uniforme, nos guia o interesse de extrair da imagem aquilo que ela não diz, ou que não revela. Trata-se de um artigo pessoal, nada objetivo e comprovado, mas uma coleção de hipóteses sobre este microcosmos social.

Dimensões não evidentes que fazem parte de uma aproximação conceitual de nossa disciplina Projetos de urbanização alternativa FAP636 (PUA), de um entendimento do espaço como permeado por processos e lógicas individuais e sociais cujo não entendimento transforma projetos urbanos em ofertas distantes.

Partindo da ideia de que tudo não é dito e nem tudo é evidente, esta disciplina (PUA) tenta trabalhar em tempo real, não com demandas hipotéticas, mas com pessoas e grupos sociais atuantes em cada realidade.

Isto diferencia enormemente esta disciplina – que é de projeto – de outras disciplinas, de projeto onde “o cliente” é um anônimo inexistente, irreal e desconhecido, interpretado e traduzido numa lista de espaços e demandas, mas sem conexão com processos concretos, contrariando a prática corrente de arquitetura que não goza desta autonomia projetual.

O programa do projeto é construído coletivamente entre alunos, moradores e professores da disciplina, ele não é dado, mas elaborado e, nesta construção, certamente, radica uma possibilidade de inovações em arquitetura através da construção de espaços e programas novos antes desconhecidos. A discussão do programa do projeto, muitas vezes escamoteado no ensino de arquitetura é de uma importância fundamental, apenas ele pode captar as modificações pelas quais uma sociedade passa, construindo espaços e edifícios híbridos, não convencionais.

Trabalhamos em áreas de urbanização alternativa ou informal, popularmente conhecidas por entender que os desafios colocados pelas lógicas não formalizadas, caracterizadoras da construção destes territórios têm muito a ensinar a nós arquitetos e futuros arquitetos.

São territórios de incerteza, permeados por acordos não escritos, não enquadrados em leis prévias, nem formalizados em códigos de propriedade, de obras, etc, de modo que a com-

preensão dos mesmos ou, melhor seria dizer, a aproximação aos mesmos é e sempre será imperfeita, uma vez que é fruto de hipóteses não explicitadas.

A disciplina tenta entender como esses acordos não explicitados e vontades podem inscrever nos espaços demandas de uso e apropriação que façam deles elementos ativos na consolidação e construção de uma identidade de resistência face às lógicas dominantes de destituição de saber tipicamente impostas, seja pelo poder público seja por saberes distantes desta realidade.

Neste sentido, PUA trabalha no fortalecimento do saber local e pensa o projeto como ferramenta de explicitação de destinos possíveis para espaços da favela ainda não ocupados, passíveis de negociação interna – com moradores e forças locais - e externa - com autoridades e fontes de financiamento. É explicitamente uma disciplina de extensão que entende o papel da universidade para além dos seus muros e das suas certezas.

O local do projeto

A Avenida Central começa na Estrada do Itararé e acaba na estação Alemão do teleférico, é uma das vias alargadas pelo PAC no Morro do Alemão sobre um traçado anterior mais estreito e precário.

Hoje se sobe com facilidade de carro, moto, van, taxi e Kombi morro acima. Isso graças a seu

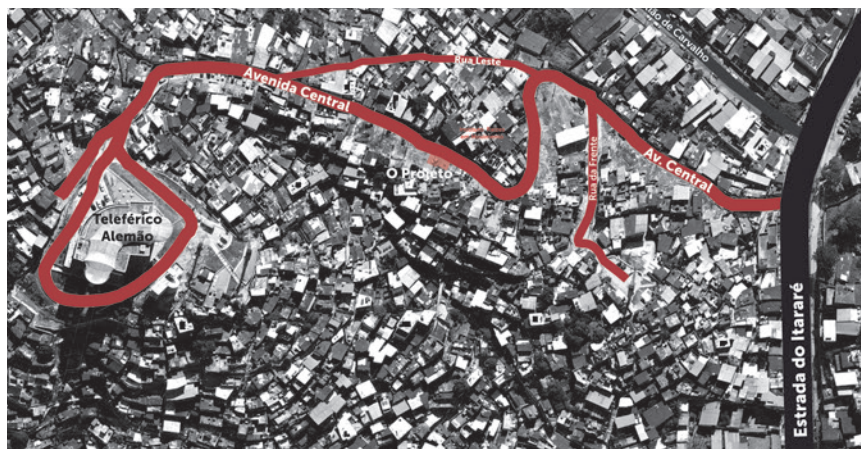


Fig. 61: Mapa da Avenida Central do Morro do Alemão. Foto: Erick de Mouros /2015.

alargamento, para o qual foram desapropriadas algumas residências localizadas em sua margem, demolindo algumas total e outras parcialmente.

A imagem desta rua quando começamos nossa disciplina, Projetos de Urbanização Alternativa 2015-1 (PUA), era de um cenário que lembrava fotos de guerras: pedaços inconclusos de cidade, marcas de uma intervenção sem finalizar, paredes demolidas em parte, terrenos parcialmente vazios, parcialmente ocupados, em suma, um território não consolidado, ou um território em conclusão.

A ideia de “Costura Urbana” veio da percepção de que existiam, neste local, espaços abertos pela obra do PAC, que havia alterado o equilíbrio anterior entre áreas públicas e privadas, mas sem alterar substancialmente a lógica de apropriação do espaço por parte da população da favela.

Entendíamos o “costurar” como uma possibilidade de completar o tecido existente, pensando conjuntamente novas possibilidades de reestruturação para as áreas remanescentes da intervenção do PAC.

Uma das margens desta rua estava consolidada e foi mantida como tal, a outra margem foi mexida e deixou abertas possibilidades de novos arranjos espaciais, de novas ocupações, de potenciais conflitos e potenciais disputas pelo uso e ocupação destes locais.

A intervenção da Universidade foi solicitada por organizações locais interessadas em discutir

e construir coletivamente com os moradores novos desenhos para estes locais.

É demanda de um saber técnico que a princípio deveria entender as dinâmicas próprias destes territórios para, posteriormente, contribuir com propostas físicas espelho de pactos de ocupação concertados.

Embora tenham sido feitas importantes obras de urbanização e mobilidade urbana, a capacidade de regulação do estado em relação ao uso do solo continuava, de maneira evidente, ausente deste território.

Tratava-se também de estender a proposta de transformação a locais intocados pelas intervenções do PAC, concentradas nas propostas de macromobilidade e que não tinham como foco as áreas internas, no tecido intrincado, de difícil acesso, pouca ventilação e saneamento deficiente dos territórios vizinhos à Av. Central.

E se subir pela atual Av. Central devolve, sem dúvida, dignidade ao morador do local, entrar pelas vielas e becos intocados pela intervenção. Traz de volta um senso de realidade, ou o tamanho do desafio de uma intervenção



Fig.62: As duas margens da Av. Central; à esquerda casas mantidas e à direita os vazios abertos pelo PAC. Foto: Solange Carvalho /2015.



Figs. 63, 64 e 65: Fotos dos becos e espaços sem intervenção do PAC, vizinhos a Av. Central, Morro do Alemão. Foto dos alunos/2015.

integrada neste local, o contraste entre ambos e a distância entre espaços reconhecidos como cidade e espaços nomeados como favela.

O trabalho pretendia atender ambas as frentes, tanto na melhoria do interior dos becos e vielas como na reconstrução urbana das cicatrizes abertas pela intervenção do PAC e que deixavam aberto um campo de possibilidades.

A percepção de nossos alunos e o contato com os moradores locais identificou alguns locais inicialmente vazios, nos quais poderiam ser alocados projetos de uso coletivo ou que poderiam servir como desafogo aos locais densamente ocupados.

Particularmente instrutivo foi acompanhar como alguns destes espaços foram aos poucos subtraídos de uma possível destinação coletiva para virarem espaços privados. Assistir impotentes a estas dinâmicas ensina muito sobre a lógica de edificação destes territórios informais que ocupam de 17 a 20% da nossa cidade.

Entre os terrenos identificados como livres, alguns deles se destacavam porque na parte edificada alojavam atividades coletivas, configurando uma possibilidade de expansão das mesmas, de

locais fechados para locais abertos. A existência de tais atividades indicava também uma possibilidade de ocupação dos espaços livres da rua próximos a elas.

Uma das primeiras questões trabalhadas no diagnóstico foi exatamente identificar quais eram os locais consolidados de uso coletivo e tentar entender o potencial dos mesmos para estender seus limites, se apropriando do espaço público temporária ou definitivamente.

Um dos objetivos da intervenção seria, nesse caso, estimular este uso, hoje, terrivelmente debilitado pela presença da UPP e o clima de tensão que impera na favela. A possibilidade de enfrentamentos armados paira no ar e, certamente, inibe estas reuniões ao ar livre em atividades que congreguem muitas pessoas.

Certamente, os bares constituem um destes polos de atividade, mas há outros como, a Creche e a sede do Raízes em Movimento, que estão defronte ao local onde foi construída a praça.

A presença de ambas organizações configura uma faixa transversal de potenciais atividades coletivas na rua. Várias atividades do Raízes

extravassam seu limite, incorporando o exterior como campo de atuação, conceitual e concreta.

Outros terrenos inicialmente vazios também tinham este potencial, mas as dinâmicas de ocupação presentes no local acabaram abortando estas possibilidades.



Fig. 66: Praça Verde do Alemão com a Creche comunitária e a sede do Raízes em Movimento ao fundo. Foto: Erick de Mouros /2015.



Fig. 67: Terreno deixado livre após demolição de casas na Av. Central pelo PAC. Foto: Rodrigo Codevila Palma/2015.



Fig. 68: Mesmo local da foto acima posteriormente ocupado. Foto: Erick de Mouros /2015.

A proposta inicial da disciplina e sua adequação posterior.

Esta intenção inicial de tratar não apenas o visível e evidente, mas também de pensar o que estava por trás da linha da fachada recuperada da Av. Central sofreu um duro revés pelo desenrolar dos fatos que passamos a narrar.

O ritmo da disciplina foi alterado pela greve dos estudantes, a qual aderiram a maioria dos alunos inscritos e também por movimentos advindos dos próprios moradores que começaram um processo de ocupação de vazios existentes.

A proposta inicial de tentar uma des-densificação nas áreas mais críticas, aproveitando os vazios existentes na Av. Central, como potencial de intervenção, foi aos poucos sendo minada. Esta redução do escopo do pensamento urbano, de fato, levou a uma reorientação do trabalho, que de um pensamento estratégico a ser construído a longo prazo mudou para uma intervenção tática imediata de defesa de partes do território para uso coletivo.

Os terrenos que poderiam, em uma intervenção combinada, incluir a oferta de habitação nova - nos moldes do programa Minha Casa Minha Vida - na Av. Central e a abertura de largos e caminhos melhores no interior da favela foram rapidamente ocupados pelos moradores locais, inviabilizando esta opção.

Isto leva a uma primeira constatação: as transformações urbanas em territórios informais seguem uma lógica totalmente diferente da que verificamos em territórios explicitamente regulados por leis e códigos de uso do solo publicamente conhecidos.

Embasadas em acordos não escritos, esta ocupação configura um avanço do privado sobre uma área que poderia ter destinação coletiva, mas também, é forçoso reconhecer, poderia ter uma ocupação privada de outros moradores. Nestes termos, uma área aparentemente vazia escondia ocupações potenciais em disputa, sendo possível identificar pelo menos três possibilidades:

A primeira delas transformaria as casas que hoje têm frente para a Av. Central em casas



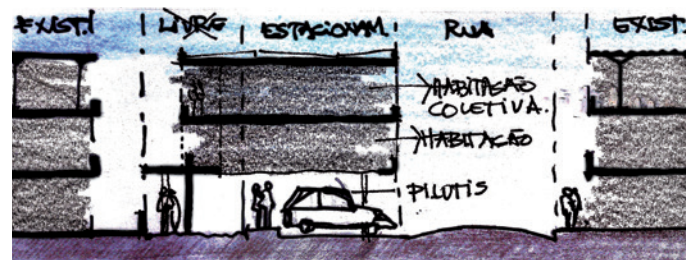
Situação existente no início do trabalho de PUA na Av. Central.
Imagens: Pablo Benetti



(i) uma ocupação por outros moradores vindos ou não do Complexo do Alemão.



(ii) uma extensão das casas existentes, incorporando os terrenos na sua frente;



(iii) uma ocupação coletiva, preservando a frente para a rua das casas existentes, sem ampliação do seu terreno.

interiores, a segunda possibilidade manteria a frente para a rua conquistada após as obras de alargamento da Av. Central, ampliando os terrenos privados, a terceira opção poderia manter a frente para a rua e, ao mesmo tempo, fazer uma edificação coletiva alojando moradores do interior dos becos e vielas vizinhos.

De todas estas três opções, a mais interessante em termos de ocupação do espaço é a variável coletiva, porém, certamente, é mais débil do ponto de vista da constituição do ator social, na medida em que pressupõe não apenas construir este sujeito coletivo (os futuros moradores organizados) como ter a garantia improvável de que teria recursos em curto prazo para efetivar as edificações.

Esta disputa pelo espaço mostra claramente que não há “espaço vazio” em favelas, de uma ou outra forma, os espaços de favelas são potencialmente espaços de construção privada, seja para moradia própria seja para moradia de aluguel, e os direitos de “construir” sobre os mesmos são do proprietário imediatamente vizinho.

Estas ações que mostram o predomínio do privado sobre a dimensão coletiva têm raízes

culturais muito antigas, originárias da relação constituída destes moradores com uma cidade que em quase nenhum momento os acolheu e os aceitou como membros efetivos e legalizados.

A permanência de favelados em locais adequados na cidade esteve sempre pautada por certa ilegalidade e pelo esforço individual, salvo espasmódicas intervenções do poder público. Em sua grande maioria, as favelas cariocas são fruto do esforço individual de seus moradores.

Esta atuação culturalmente pautada pelo predomínio do individual sobre o coletivo não é apenas patrimônio dos moradores de favelas, também moradores de condomínios da Barra da Tijuca tem a mesma relação com o espaço público. Na urbanização brasileira, infelizmente, a dimensão pública é muito restrita e permanentemente ameaçada pelo avanço do privado.

O morador de favela que avança seu terreno e incorpora áreas indeterminadas que estavam à frente de sua casa e que, eventualmente, poderiam ser públicas no futuro, está

reproduzindo a lógica de apropriação e avanço do privado que caracterizou até esse momento a edificação da maioria dos espaços das favelas, exceções sejam feitas para os campos de futebol e outros espaços sociais intensamente ocupados pelos moradores.

A dimensão débil ou ausente tanto nos condomínios da Barra como nas favelas cariocas é a dimensão do público, do coletivo da diferença e da convivência para além dos iguais.

Por outro lado, a velocidade de ocupação destes espaços mostra uma agilidade que está distante da capacidade que tem o poder público de gerenciar e regular estes terrenos. No caso da Av. Central, o poder público nem regula nem destina efetivamente estes espaços para outros usos, na ausência de determinação predomina o privado.

Esta velocidade de ocupação colocou, perante professores, moradores e alunos da disciplina a necessidade de atuar rapidamente na preservação dos espaços que estavam pensados para uso coletivo, se não em todos eles, pelos menos nos quais era possível uma intervenção

imediate contando com o esforço coletivo de todos os envolvidos.

Foi uma ação de redirecionamento da disciplina que, no lugar da produção de projetos para todas as áreas, priorizou a efetivação de uma delas. Incorporando uma dimensão de construção que não estava prevista no desenho original da disciplina (PUA).

Essência e aparência (a praça o que mostra e o que esconde...). O que aprendemos com esta experiência...

Ao olhar para a praça, não é possível ver que o processo de disputa pela ocupação deste espaço que, embora não fosse explicitado, estava latente na lógica de ocupação que guiou os avanços privados morro acima, muito perto deste local.

A decisão de ocupar, construir e consolidar a praça é então uma decisão política para fazer frente a esta situação. Ela coloca a discussão sobre como é feita a regulação dos espaços na cidade e nestes locais especificamente.

Em terrenos da cidade formal, este processo reconhece vários passos, a saber: primeiro, a definição de uso e ocupação do solo feita pela legislação de zoneamento; segundo, a elaboração de projeto atendendo a alguma demanda específica (ou pública ou privada); terceiro, o processo de aprovação do projeto de acordo com esta legislação; finalmente, após a aprovação, o início da construção efetiva.

Nenhum destes passos acontece da mesma maneira em territórios informais. Legislação não existe, aprovação não é formal nem explicitada, sendo feita por poderes locais, e a construção é iniciada imediatamente.

A obra do PAC e qualquer outra obra de urbanização de favelas tem como pressuposto a ideia de integração da favela à cidade. A forma frequente é pensar ser possível adotar a mesma lógica da cidade, estabelecendo regulamentos e padrões prévios de ocupação. Porém, na maioria das favelas, mesmo nas urbanizadas, e apesar da existência dos Pousos (postos de orientação urbanística e social), continua predominando a lógica anterior.

A regulação que o Pouso pensa seria a típica regulação do estado, similar a que rege muitos territórios em bairros formais da cidade. Uma segunda forma seria a que de fato acontece nas favelas, onde a regulação é fruto de acordos parciais, não explicitados, mas que configuram padrões de ocupação do território.

A terceira forma seria a construção coletiva de formas de regulação entre, ou seja, com pertencimento a ambas lógicas anteriormente descritas e construídas coletivamente. Esta forma de regulação requer a participação e a legitimação dos atores e somente pode ser pensada a partir do fortalecimento da organização popular.

Estas questões de regulação estão em disputa, não são visíveis ao olhar para a praça, mas estão aí, presentes.

Também não se enxerga ao olhar para a praça as dificuldades e enormes desafios que a decisão dos alunos, professores e moradores implicou. Face à existência de poucos recursos, a operação de viabilizar a construção é, ao mesmo tempo, uma operação de convencimento e mobilização.

Para os alunos, esta experiência pode possibilitar entender a dimensão e importância do projeto em suas várias dimensões e etapas, a construção do programa da praça feita ouvindo os moradores locais.

Esta experiência mostrou como o projeto não pode ser apenas um ato formal, e que sua sustentabilidade e permanência no tempo dependem do laço social construído neste momento e, posteriormente, na execução das obras.

Não há nenhuma garantia de que amanhã a praça continuará sendo praça e que os acordos que a fizeram possível serão mantidos ao longo do tempo. Apenas o uso social consolidado pode garantir a permanência do executado, cada morador que participou, que colocou um tijolo, fez uma fundação, levantou um pilar, plantou uma árvore é, em parte, um aliado nesta defesa e preservação.

Todavia, garantias definitivas, de fato, não há, ao contrário da Praça Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, que, dificilmente, será ameaçada. Esta modesta praça vive e viverá sob a tensão de um espaço regulado às vezes por acordos não explicitados, outras pela força bruta. (*)

De qualquer maneira, o esforço de construir significou, para a maioria dos alunos, reavaliar a importância do projeto, do detalhe construtivo, dos cronogramas de obra, da captação de recursos, de construir na precariedade entre algumas das dimensões presentes neste processo e não visíveis ao olhar para a praça concluída.

Finalmente, destacamos a importância de experiências desta natureza, numa estrutura curricular que insiste em compartimentar o que não é compartimentado.

A transversalidade da disciplina PUA, acionando várias áreas do conhecimento aliadas à intervenção real, com demandas conhecidas, construídas conjuntamente e sem olhar misericordioso para áreas populares, tem enorme valor na percepção de que cidade está sendo edificada e dos campos de atuação possíveis para nossos futuros profissionais.

* Recentemente, parte dos alunos desta disciplina participaram de um mutirão para construção de um parque infantil no Condomínio Valdariosa em Queimados. Posteriormente, após a obra finalizada, com a participação dos moradores, milicianos que tomaram o local, queimaram todos os brinquedos destruindo não apenas os objetos, mas muito mais do que isso, as intenções de organização independente e coletiva.





O livro ***Praça Pr'Alemão Ter – o germinar de uma praça verde no Morro do Alemão***, relata a experiência de construção de uma pequena praça em regime de mutirão no Morro do Alemão/RJ, ocorrida em 2015 envolvendo estudantes de graduação, o mestrando Rodrigo Codevila e os professores Pablo Benetti e Solange Carvalho coordenadores da disciplina de extensão *Projetos de Urbanização Alternativa* da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – FAU/UFRJ, a organização local Instituto Raízes em Movimento e moradores do Alemão.

Com prólogo de **Luiz Carlos Toledo**, texto da **turma 2015.1 da disciplina** e artigos do **Instituto Raízes em Movimento** e de **Pablo Benetti**, a publicação registra um momento potente de apropriação e transformação de um espaço sem uso resultante de demolições das obras do PAC ao longo da Av. Central no Morro do Alemão. Esse registro vem dar materialidade a essa memória e permitir a sua replicação enquanto estratégia de mobilização e intervenção política em outras áreas.



ISBN 978-85-88027-37-4



9 788588 027374



UFRJ

prourb

PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM URBANISMO

FAU

FACULDADE DE
ARQUITETURA
E URBANISMO



Instituto
RAÍZES em
MOVIMENTO

CEPEDOCA